

ILUSTRAÇÃO



Urotropina effervescente

Schering



Refresca

porque com ela se prepara uma bebida gasosa de sabor agradável

Evita

porque é o profilactico mais eficaz contra as enfermidades infecciosas

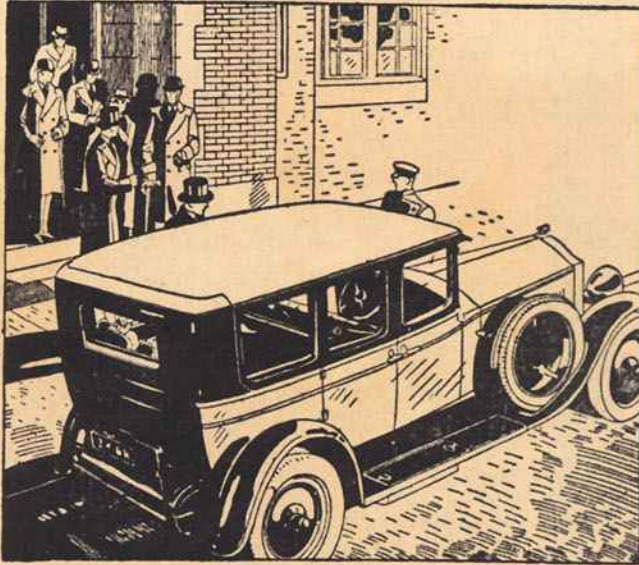
Cura

porque a Urotropina é segundo a opinião de todos os médicos, o mais poderoso desinfectante interno.

Insista n'este empacotamento original Schering.

Convencidos de que é o que mais se adapta á sua vida activa

O Buick é o carro que melhor serve as exigencias de uma vida activa



Preferem o Buick as principais figuras do commercio e das profissoes liberais

AQUÊLES individuos que pela posição que ocupam ou a carreira que teem, são forçados a aproveitar todos os minutos do seu tempo, pertencem á classe mais elevada em numero entre os proprietarios do Buick.

Adquirem este carro com a convicção segura e justificada de que nao ha outro que de igual modo corresponda a todas as suas exigencias, quer profissionais, quer de distincção e de elegancia.

A segurança que oferece a sólida construção do motor, e os largos anos de perfeito funcionamento com que o prova, são mais motivos ainda para que este carro seja preferido por eles, e para que tenha alcançado e mantido a alta fama de que disfruta

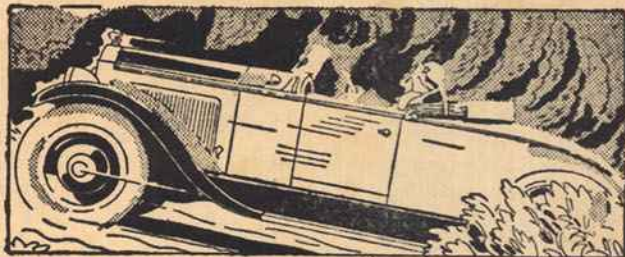
Suas linhas de baixa suspensão e continuidade parecem tornar bem visível a força e suavidade do seu motor, que facilmente alcança uma velocidade de mais de 100 kilometros

á hora, com resistencia bastante para manter essa velocidade. A combinação harmonica das côres das suas carroseries completa a beleza deste carro, que há tanto tempo está á testa dos que sao da sua categoria.

O concessionário do Buick que lhe fique mais próximo far-lhe-há, a seu pedido, uma demonstração convincente do que é este grande carro.



GENERAL MOTORS PENINSULAR, S. A. - MADRID



Velocidade e resistencia eis o Buick

CONCESSIONARIOS

Diniz M. d'Almeida

Avenida da Liberdade, 214 a 213

LISBOA

Cunhas & Almeida, Ltda.

Avenida dos Aliados, 75

PORTO

I.º SALÃO DO OUTONO DA ELEGANCIA FEMININA E ARTES DECORATIVAS promovido pela grande revista feminina "VOGA" sob o patrocínio da Sociedade Nacional de Belas Artes e nos seus magníficos Salões.

20 DIAS de festas de luxo e elegância e em que os artigos da especialidade são expostos pelas casas mais categorizadas de Portugal, Espanha e França. — *Reservem-se portanto, para ali fazerem as suas compras para a estação de inverno, no que respeita a*

TOILETTES — Os mais suntuosos e chics modelos.

CHAPÉUS DE SENHORA — As últimas criações de Paris.

PELES DAS MAIS FINAS E RICAS — Confeccionadas especialmente para este Salão.

CALÇADO DE SENHORA — Os mais belos modelos das melhores Sapatarías Nacionais.

MALINHAS DE SENHORA — As mais belas, verdadeiras revelações de Arte.

AUTOMÓVEIS — Os mais confortáveis Modelos de 1929 com os mais modernos aperfeiçoamentos me-

cânicos, encomendados especialmente para este Salão.

PIANOS E AUTO-PIANOS — Verdadeiras maravilhas.

GRAMOFONES — A última palavra em sonoridade e nitidez.

PERFUMARIAS E ARTIGOS DE BELEZA — Das mais afamadas casas Nacionais e Estrangeiras, que apresentarão as últimas criações no género.

FRIVOLIDADES DE PARIS — Imitação de Jóias, Aplicações, etc., etc.

Que agradável será fazer as vossas compras num ambiente de festa e num meio da mais alta ELEGANCIA

ABRE EM 3 DE NOVEMBRO AO COMERCIO

Marcar um Stand, apresentar a vossa casa no 1.º SALÃO DE OUTONO, é marcar um lugar de Elite entre os vossos concorrentes; a cifra dos vossos negócios aumentará sensivelmente na próxima estação. Poucos Stands restam para marcar.

Todas as informações serão dadas, pelo Director deste Salão, todos os dias na rua Anchieta, 25, das 15 às 18 horas — Telefone C. 1084.

AS PRIMEIRAS CASAS A MARCAR O SEU STAND FORAM:

ALINE primorosos perfumes. (Stand de Roberto Nobre).

PHOTO D'ART — **HENRI MANUEL, STUDIO G. L. MANUEL FRÈRES, FASHION-PHOTOS**, maravilhosos artistas, todos **COLUMBIA**, gramofones, que apresentarão prodígios no género.

CASA FRANCISCO ANTÓNIO MOREIRA, LTD., cujos papéis pintados e arranjos decorativos causarão entusiasmo.

BASTOS SILVA, LTD. e **PARIS-CHIADO**, os mais afamados criadores de malas de senhora e novidades.

SASSETTI & C., célebre casa de auto-pianos e pianos.

WILLYS KNIGHT, os mais belos e os de mais nome entre os automóveis de luxo.

MARIO DE NOVAIS, de Lisboa, fotos de arte de senhoras e crianças.

HIS MASTER'S VOICE, grandes fabricantes, afamadíssimos, de gramofones e discos, com representante no Porto.

SOCIEDADE INDUSTRIAL DE CALÇADO "ELITE", com estabelecimentos em Lisboa e Porto, criadora de modelos formosíssimos de calçado. (Stand de Roberto Santos).

"TATÁ", um nome que é uma aureola de glória na criação artística de chapéus, negociantes-artistas da rua de S. Nicolau Lisboa. (Stand de António Soares).

COMPANHIAS REUNIDAS DO GÁS E ELECTRICIDADE, que instalarão uma cozinha eléctrica ideal, onde um especialista es-

trangeiro de culinária fará demonstrações práticas permanentes.

FRIGIDAIRE — Os sensacionalíssimos aparelhos de grande luxo para a conservação de doces, alimentos, etc. Representantes **Diniz M. Almeida** — "Stand" Buick — Lisboa.

WALKEN o rei dos fotógrafos espanhóis, o preferido pelas belezas aristocráticas do vizinho reino.

SIMÕES & C. LTD. Fabricantes de malhas de luxo e meias, os mais importantes da península, produzindo em igualdade com as melhores fábricas do mundo, orgulho da indústria nacional. Magestoso stand de Roberto Santos.

COMPANHIA INDUSTRIAL PORTUGUESA — Que num magnífico "Stand" fará a comparação dos vidros da sua fabricação com o que de melhor se fabrica no estrangeiro.

GRANDES NOVIDADES PARISIENSES — Entre os artigos de luxo que concorrerão, vindos da cidade da Luz, podemos desde já anunciar três novidades sensacionais. Um **VIBRADOR-MASSAGISTA**, verdadeiramente maravilhoso e cujo segredo só no Salão se desvendará, um novo e colossal invento de **TINTURA INDELEVEL DOS CABELOS**, que também se conserva secreto e uma instalação de **TINTURARIA CASEIRA DE TECIDOS RICOS**, com demonstrações práticas.

Estão a fechar contractos casas de fama mundial de Paris e Madrid e outras de primeira classe de Lisboa e Porto.



SÓ COM DISCOS **“HIS MASTER’S VOICE”** TOCADOS
EM GRAMOFONES **“HIS MASTER’S VOICE”** SE
CONSEGUE A VERDADE

NA AGENCIA GERAL DESTA MARCA ENCONTRA-SE
UM REPORTORIO COLOSSAL EM TODOS OS GENEROS

BAZAR DO PORTO

Rua Augusta, 150 — LISBOA

Rua St.ª Catarina, 192 — PORTO

CORNETA **BOSCH**

É o alarme
que mais
convém aos
automobi-
listas, porque
tendo um
som melo-
dioso e pro-
longado, com
repercussão a
2 quilome-
tros, que na cidade pôde ser amortecido, oferece
ainda a vantagem dum consumo reduzidíssimo.

Acquisição a preço vantajoso.

Representante exclusivo de

ROBERT BOSCH A. G., STUTTGART

Escritório Técnico Roberto Cudell

PORTO — Passos Manoel, 41



MAGAZINE
BERTRAND

CONTINUA A MANTER
A SUA SUPREMACIA

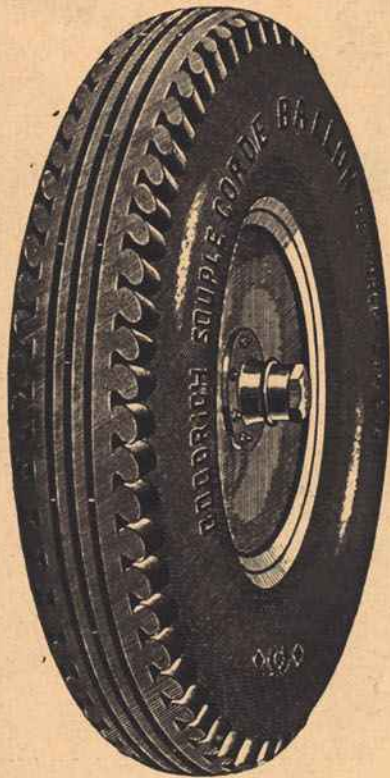
VEJAM O NÚMERO DE OUTUBRO

R



**BERTI AND
IRMÃS, L. DA**

**FOTOGRAVADORES
TEL. T. 96
T. DA CONDESSA DO RIO
27**



GOODRICH

O PNEUMATICO MAIS
RESISTENTE E DE
MAIOR RENDIMENTO

AGENTES GERAIS:

OREY, ANTUNES & C.^A L.^{DA}

4, P. Duque da Terceira
LISBOA

59, Avenida dos Aliados
PORTO

OS MAIS PRATICOS E RESISTENTES

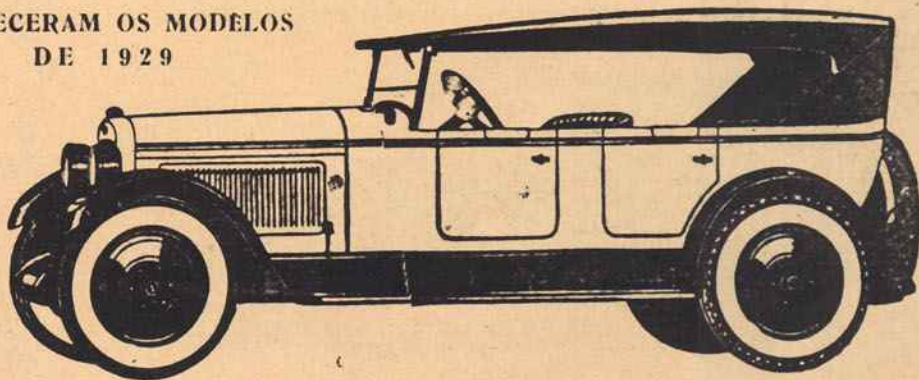
AUTOMOVEIS

— DIVERSOS TIPOS —

O CARRO UTILITÁRIO



APARECERAM OS MODELOS
DE 1929



AGENTES GERAIS: OREY, ANTUNES & C.^A L.^{DA}

4, Praça Duque da Terceira — LISBOA

59, Avenida dos Aliados — PORTO

NYTHIS
Parfume de
GELLÉ FRÈRES
 PARIS



ESSENCIA
 PÓ DE ARROZ
 LOÇÃO
 AGUA DE COLONIA
 SABONETE

Os Vendedores autorizados em todas as Cidades
 Agências gerais STEIFFEN & SONS Rua de Malhoa 271 LISBOA

Grup-fix A COLA IDEAL

ACEIO—ECONOMIA—RAPIDEZ
 Não se entorna, colando imediatamente após a sua aplicação **Preço 12\$00**

Únicos representantes para Portugal e Colónias
AILLAUD, LIMITADA
 73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

depois da festa...

AT CARLU *intoxicação*

"SAL de FRUCTA"
ENO
"FRUIT SALT"

Teve um lauto jantar? Regressou tarde a casa para se deitar, com o estomago e cabeça pesados? Antes de ir para a cama tome uma colher das de café de Eno's "Fruit Salt", num copo de agua. A frescura da sua efervescencia matar-lhe-ha a sede. E, sobretudo, o Eno ajudará e facilitará a digestão, evitando os bocejos e dores de estomago, e assim conseguireis dormir dum somno absolutamente tranquilo.

Exigi sempre a marca **ENO'S "FRUIT SALT"**

As palavras "Fruit Salt" "Sal de Fructa" "Eno" são marcas da fabrica registadas.

Depositaros em Portugal:
ROBINSON, BARDSLEY, & C. LTD. 8, Caes do Sodré, LISBOA

A PARTIR DE 15 DE SETEMBRO

NOS JUNKER'S Ida para Madrid . . . Esc. 500+00
 Carga por quilo . . . Esc. 7550

ESTÃO SUSPENSOS OS BILHETES DE IDA E VOLTA

Serviços Aereos Portugueses, Ltd. Avenida da Liberdade, 3



O mais belo repositório de conhecimentos scientificos, a mais empolgante serie de aventuras maravilhosas é a obra do genial romancista

JULIO VERNE

primorosamente ilustrada em edições populares ao alcance de todos

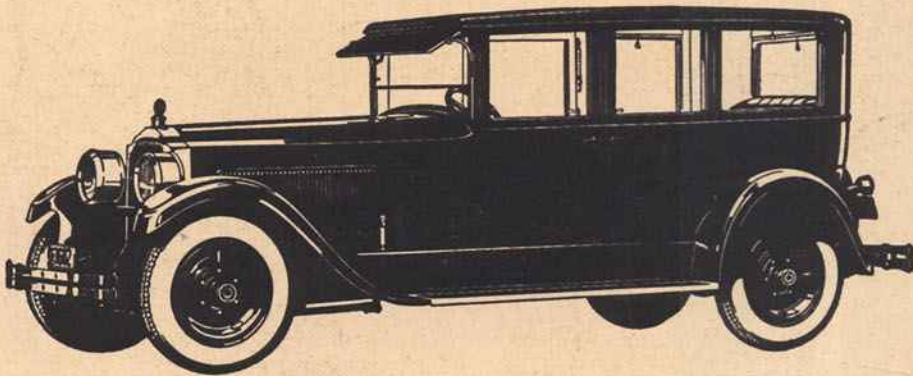
SÃO LIVROS QUE TODOS DEVEM LÊR

PEDIDOS AS LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
 73, CHIADO, 75 — LISBOA



Packard

SÓ FABRICA CARROS DE 8 CILINDROS CHASSIS CURTO
CHASSIS LONGO
O MAIS ELEGANTE DOS CARROS



MODELOS 1929 JÁ A VENDA

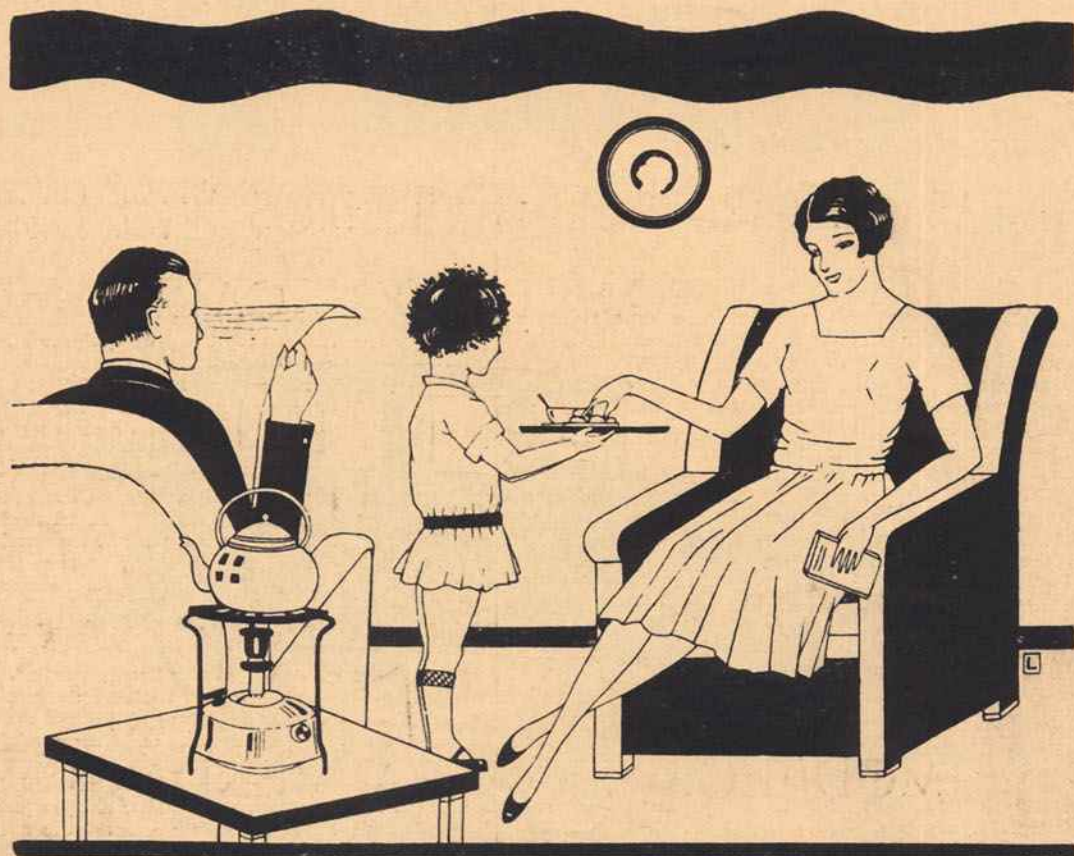


PEDIR INFORMAÇÕES E VISITAR O NOSSO

SALÃO DE EXPOSIÇÃO:
4, Praça Duque da Terceira (Cais do Sodré)

AGENTES GERAIS

OREY ANTUNES & C.^A L.^{DA}
LISBOA—PORTO



EM FAMÍLIA
A comodidade só é
completa quando o chá é
feito em 5 minutos com o
FOCÃO
VACUUM
VACUUM OIL COMPANY

Rocio, 67 Telef. 3075 e nas suas Agencias



COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIPOGRAFIA
DA «ILUSTRAÇÃO»
R. d'Alegria, 30 — Lisboa
REDACÇÃO
R. Cecílio de Sousa, 77-1.º
(Ant. R. da Processão)
Telef. N. 873

ILUSTRAÇÃO

PROPRIEDADE E EDIÇÃO:
AILLAUD, L.^{DA}
R. Garrett, 73, 75—Lisboa
ADMINISTRAÇÃO
Rua Anchieta, 25
Telef. C. 1084

DIRECTOR-DELEGADO:
JOÃO DA CUNHA DE BÇA
DIRECTOR:
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

ANO 3.º — NÚMERO 67

1 DE OUTUBRO DE 1928



Uma horrorosa catástrofe acaba de mergulhar na dor e no luto o reino vizinho e amigo. O teatro «Novedades», de Madrid, ardeu trágicamente, como um enorme e sinistro fogacho, centos de vidas despedaçadas, cenas horripilantes e conflagradora, num quadro de pavor, tudo evoca em nós a recordação triste de outras tragédias semelhantes: o teatro Buquet do Norte, o Bazar de Caridade de Paris, o incêndio da Madalena, etc. Ilustração renova nas condolências que, nas primeiras horas enviou ao governo espanhol, à imprensa e ao povo do reino irmão e reproduz seis fotos exclusivas e inéditas, representando: 1 — Os escombros do «Novedades». 2 — A pesquisa das vítimas durante o rescaldo. 3 — Famílias humildes acompanhando o cântero das primeiras vítimas identificadas. 4 — A presidência do luto nacional, nos funerais. O general Primo de Rivera (X), dando a direita ao sub-chefe do governo, general Martínez Anido e ao lustre Embaixador de Portugal, sr. Melo Barreto (Xc), como testemunho de alto apreço pelo nosso país e seu digno representante. 5 — No necrotério: Cadáveres não identificados. 6 — O préstito fúnebre na «Puerta de Atocha» — (Fotos Pictaz).

CRONICA DA QUINZENA

Fins de Setembro: despede-se o verão, vem chegando o outono. No nosso hemisfério, nos países de beira-mar, é a quadra ótima, a estação mais igual, (pelo menos, era) mais amena, mais acolhedora. O ambiente é tépido, o calor não oprime, a aragem não agride. A tristeza das coisas, suavizada, não é ainda a desolação do inverno.

Os verdes amarelecem, crestam-se; atape-tum o solo as folhas secas. Os vermelhos perdem a rutilância, arroxiam-se, tomam tons magoados de eqüimose, casando-se ao fulvo dominante da paisagem. Acodem-me à lembrança uns versos de Verlaine, se não estou enganado:

*Ciel roux, ciel de septembre,
De la pourpre et de l'ambre
Fondus en tons brouillés,
Draperie ondulante
Ou le soleil se plante
Comme un vieux clou rouillé.*

Os felizes que puderam escapar por algum tempo à vida anti-natural das cidades, saboreiam estas últimas semanas de estada nas praias, ou termas, e fazem bem, que o Outubro não tarda. O tempo corre. Mas, para onde?

Ao mesmo passo, noutras regiões e climas, ciclones, tremores de terra, devastações, ruínas, chamam, de vez em quando, ao sentimento da modestia o presunçoso rei da criação.

Entretanto, celebrou-se o centenário do nascimento de Tolstói. Estas celebrações a tão curta distância do desaparecimento dos homens que as motivam, tem o inconveniente de se prestarem a dizer-se muita tolice junta. No tempo, como no espaço, faz-se sempre necessário um certo afastamento para se poderem apreciar com justiça os homens e os acontecimentos.

Entre outras, houve quem se saísse com esta: Tolstói, pela sua obra de reformador é um dos grandes culpados do bolchevismo russo. A asneira explica-se. É que, assim como há pessoas que pensam por imagens (os artistas) ou por idéas (os filósofos) outros há que pensam apenas por nomes: é por eles que formam a sua noção das coisas. E como Tolstói prégoz uma espécie de comunismo, vá de equiparar-lhe com os bolchevistas de Lenine.

Sem dúvida, é lícito pensar-se que Tolstói, grande alma, e grande romancista, foi um pensador mediocre; muito embora, a ver-

dade é que o seu comunismo, anarquista, e não autoritário, só muito longinquamente poderá aparentar-se com o bolchevismo. Basta dizer-se que ele repele, em absoluto, toda a espécie de recurso à violência. Utopista? sim; bolchevista, de forma alguma.

Quem pudera acompanhar o poeta na sua canção:

*Apaisez, silence,
La brise ne balance
Que le bruit endormant
De la mer qui chante,
Ciel de miel, ciel d'automne
Silence, apaisement.*

Paz? Silêncio? Enquanto os elementos desencadeados proseguem na sua carreira devastadora, indiferentes aos obstáculos frágeis que o homem lhes opõe, os desvairados rebanhos humanos que o planeta apasenta não cessam de se preocupar nas suas pugnas mesquinhas, suas ambições sem elevação, suas competições sem grandeza. Maldizentes e maliazejos, grosseiros e vãos, não sabem andar senão aos encontros, incapazes de edificarem o bem próprio com outros materiais que não sejam os males alheios. Vejase. Está reunida a Assembléa da Sociedade das Nações. Ali têm assento quasi todos os condutores dos ditos rebanhos. Que trabalho de Hércules para impelir que se atirem uns aos outros, alemães e polacos, polacos e lituanos, italianos e jugo-eslavos, grégos e búlgaros, franceses e italianos, italianos e suíços, — que sei eu? Isto só na Europa.

Mais além, a Rússia à busca de equilíbrio, o Japão e os Estados Unidos medindo-se de alto a baixo, a China em confusão, a luta religiosa no México, o desassocção na Índia, na Síria, no Egipto, na Turquia, na Pérsia, por toda a parte.

Se vamos aos *faits divers*, no que se passa no interior de cada um desses rebanhos humanos, que vemos? Crimes de ciúme, de viúgança, de loucura, assaltos, *escroqueries*, arrombamentos, desastres, atropelamentos, colíssos, descarrilamentos, crianças esmagadas, velhas assustadas, raparigas esquarteradas, um nunca acabar.

E o certo é que grande parte dos males que acometem a humanidade são obra dos próprios humanos, da incompreensão da sua inteligência, e da incoerência da sua vontade. Inventam a Sociedade das Nações, as convenções de arbitragem, o pacto contra a guerra, e passam o tempo a pensar em prejudicar-se o mais que podem. Depois, põem-se a discutir questões perfeitamente ociosas, infantis, — se o pacto Kellog vem consolidar ou enfraquecer a Sociedade das Nações. E finalmente, queixam-se de que tanto uma como o outro para nada servem. Eh! criaturas de Deus, pois então passaram-lhes pela cabeça que a Sociedade das Nações, ou o pacto contra a guerra teriam o poder do verbo divino — fiat lux, e a luz foi feita? Sociedades, pactos, convenções serão o que as fizerem ser. Não há convenções capazes de fazer de insensatos pessoas de juízo. Reformem as almas, alarguem os corações, simplifiquem a existência, e a guerra será de cada vez mais rara.

Que animal, o homem! Não fosse a capacidade de que a sua espécie goza de produzir, de século em século (com grande espanto seu!) um Sócrates, um S. Vicente de Paulo, um Vinci, um Pasteur, que mais interesse mereceria ele do que os castores, ou que as abelhas?

Inventaram as religiões, e serviram-se delas como armas de arremesso. Quantas guerras, quantas extorsões, quantos crimes, quantas atrocidades, em nome da vontade de Deus, da fé, e da caridade!

Guerras de conquista, guerras de religião, leve o diabo a escolha. No ponto de vista da moral, que valem estas distinções?

Por infatuação, para ter o ar de poder contrabater a vontade de Deus, o homem decretou o seu próprio livre-arbitrio. Mas, como coarde que é, fez Deus omnipotente para poder, a seu tempo, lançar-lhe às costas todas as responsabilidades. Se é, o homem sabe tudo, — como o mundo foi feito, qual o seu destino, qual a razão da existência de todos os entes, quais os atributos de Deus, qual a sua vontade, tudo, enfim! E como sabe ele tudo isto? Ora! foi Deus mesmo quem lh'o revelou: se é ele é — tu lá, tu cá — com Deus!

Que pena eu tenho de Deus!

Um filósofo, Stuart Mill pensou em aliviá-lo da carga da omnipotência, mas não conseguiu coisa alguma; os homens não deixariam.

Tenho, tenho imensa pena de Deus? Que infinita tristeza não deve ser a sua!

JOSÉ DE MAGALHÃES.

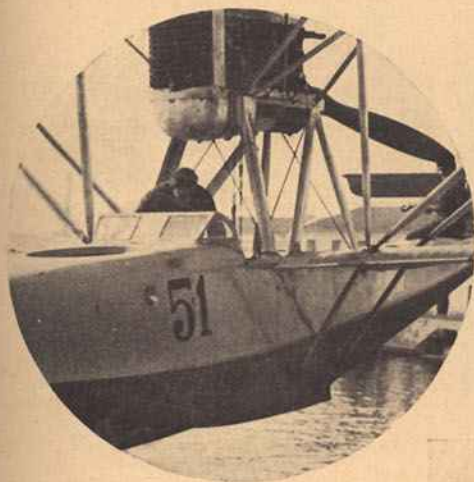
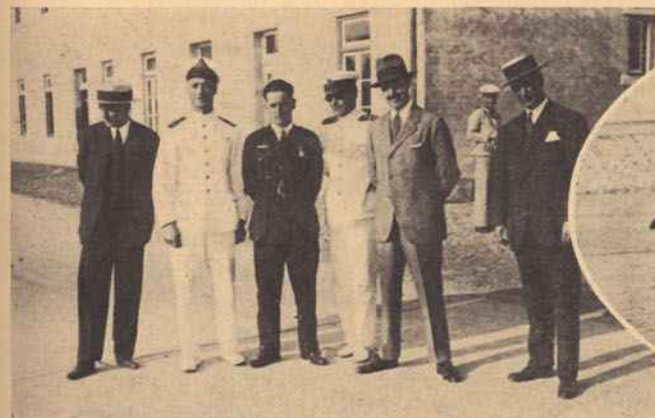
ESTE NUMERO FOI VISADO
PELA COMISSAO DE CENSURA

ACTUALIDADES

A DIREITA: — O ilustre redactor da «Nación» de Madrid, dr. Alonso Hernandez, realizando com o ilustre Chefe de Estado a curiosa entrevista que se publicou naquele jornal espanhol recentemente.



NO OVAL: da direita: — O hidro-ação «Savoia» da base esportista de Melilla que, vindo de Ferrol amarra no nosso porto com avarias.



NO MEDALHÃO, em cima: — Lançamento à água dum hidro-ação português que seguiu para o norte em socorro do aparelho espanhol que acompanhava o do tenente Morato e caiu na costa sendo rebocado para o Douro.



EM CIMA, à direita: — Senhores da sociedade em trajes populares na verbena de caridade do Sporting Club de Cascais.

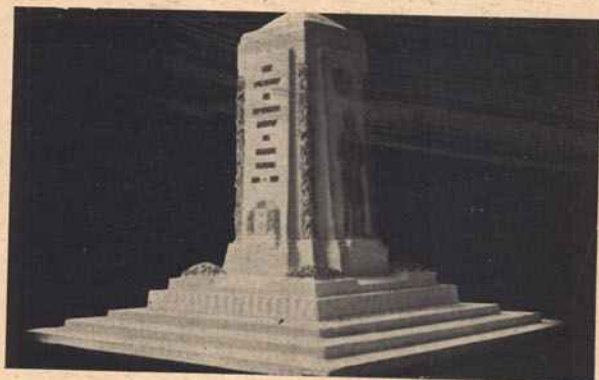
EM BAIXO, à direita: — O aparelho «Savoia» em que o magnifico Del Prete e Ferrarin bateram o recorde do mundo de duração e distancia em voo directo, sem escala, utilizando um motor FIAT e o óleo CASTROL no continente dos quais lhes atribuem o êxito da sua prova, segundo se lê no seu próprio autógrafo.



All'olio Castrol abbiamo il perfetto funzionamento del nostro motore Fiat che ha conquistato il record di durata e di distanza
Arturo Ferrarin

(Fotos inéditas e exclusivas de Illustrações).

SIMÕES & C.^a LTD.^a, a maior fábrica de malhas finas da península, exporá no Salão da "Voga" os seus incomparáveis produtos



Maquette do monumento aos mortos da guerra a erigir em Estremoz, obra dos jovens artistas Francisco Lopes Nogueira e Ernesto Câmilo Korrodi, escultura de Rui Roque Gamero.



Um aspecto das aristocráticas festas realizadas no Parque Gandarilha, em Cascais, promovidas por uma comissão de senhoras da sociedade elegante festas que foram animadíssimas por uma concorrência verdadeiramente escolhida.

NO OVAL DO CENTRO: — Aspecto do chá de caridade no Casino do Monte Estoril a favor da Misericórdia de Cascais e oferecido pela «Vacuum Oil Co.» sendo os bolos e «sandwiches» manipulados por pasteleiros da Benard nos fogões «Puritan» a petróleo «Sunflower».



AO CENTRO DA PÁGINA: — Sua Ex.^a o sr. Presidente da República na Exposição Pomológica levada a efeito por O. Século, com assinalado êxito, no salão nobre do Liceu Camões.



Sua Ex.^a Rev.^{ma} o novo Bispo de Angra o sr. D. Guilherme Augusto da Cunha Guimarães (Foto Santos Lima — Braga).



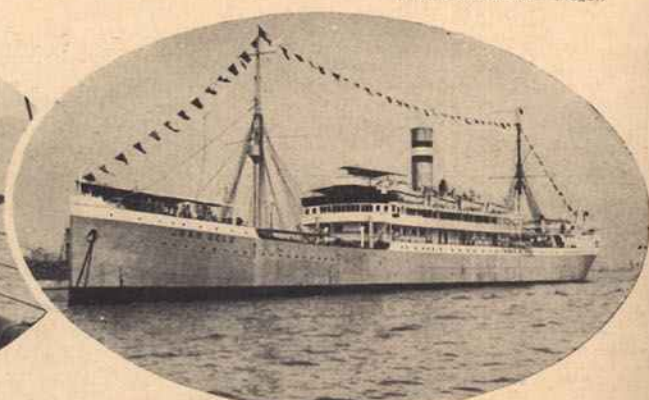
(Fotos inéditas e exclusivas de «Ilustração»)



Aspecto da Sagração, efectuada em Guimarães, do novo bispo de Angra D. Guilherme Augusto da Cunha Guimarães (Foto Santos Lima — Braga).



O sr. ministro da Marinha, comandante Mesquita Guimarães, a bordo do novo paquete «João Belos» por ocasião da sua visita oficial.



O novo paquete «João Belos» da Companhia Colonial de Navegação que iniciou as suas carreiras regulares para a África.

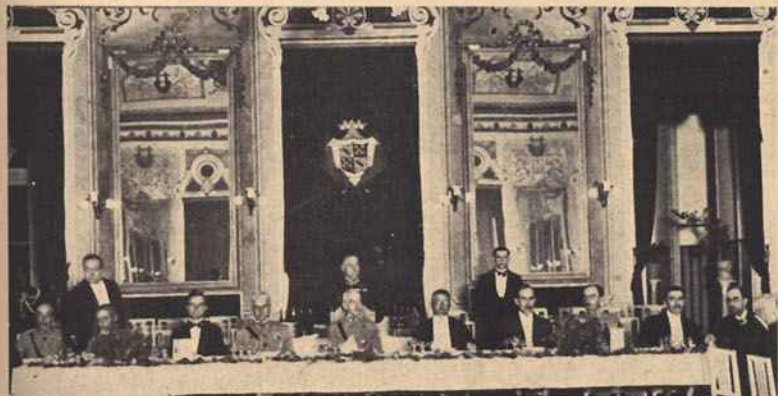
WALKEN, o «az» dos fotografos espanhols, exporá as mais formosas beldades de Espanha no Salão da «Voga,,

EM CIMA: — O sr. Presidente da República com o sr. Presidente da Câmara da Figueira da Foz por ocasião da visita recente do chefe do Estado à Ilha cidade do Mondego



(Foto Havanaza)

EM BAIXO, à esquerda: — Jantar de gala oferecido pela C. M. da Figueira ao veterano Chefe de Estado e realizado no Salão Nobre do Casino Peninsular



O monumento aos Mortos da Grande Guerra inaugurado na Figueira da Foz

(Foto Havanaza)



NO MEDALHÃO, da esquerda: — A tripulação do Ginásio Club Figueirense, vencedora da Taça Figueira da Foz em 15 do corrente, e do Campeonato de Portugal em 16

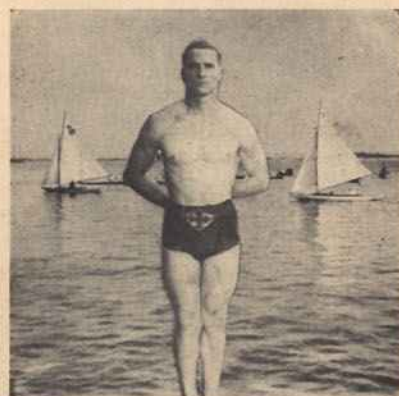
(Foto Alberto Santos)

NO MEDALHÃO, da direita: — O Chefe do Estado fazendo a continência ao Monumento aos Mortos da Grande Guerra da Figueira da Foz

(Foto Havanaza)



EM BAIXO, à esquerda: — Aspecto do banquete com que a Ilustre colónia espanhola de Lisboa comemorou o 25.º aniversário da ditadura do general Primo de Rivera



Um aspecto dos regatas na Figueira da Foz. O center do Ginásio Figueirense cortando a meta. No recorte: João Silva Marques, do Ilhencense, vencedor da taça «Diário de Notícias», na prova de meia milha de natação

(Fotos Alberto Santos)

Os mais luxuosos modelos de calçado a expôr no Salão da "Voga" serão os da SOCIEDADE INDUSTRIAL DE CALÇADO ÉLITE, rei dos sapateiros

PELO NORTE DO PAÍS

As nossas fotos, rigorosamente inéditas e exclusivas, representam: 1, 2, 3 e 4 — Várias fases da imponentíssima Procissão a Nossa Senhora das Dores, realizada na Vila do Varzim com maravilhoso brilhantismo e profunda devoção, durante as recentes festas que a formosa vila e seus devotados filhos dedicaram à mesma veneranda Virgem. 5 — O sr. Conselheiro do Brasil no Pôrto, Adhemar de Melo, promotor da excursão de portugueses e brasileiros à República irmã, a bordo do «Bragé» com o ilustre suet-



dote português D. António Malan, Bispo de Petrolina (Estado de Pernambuco), que seguiu com a referida excursão. 6 — O «savoin» espanhol da base de Melilla, avariado no largo e que foi rebocado para o estuário do Douro, ao ser amarrado junto da «Quatza», no qual de



Masarelos. 7 — O piloto do «savoin», o capitão aviador espanhol D. Manuel Martínez Merino. 8 — O presidente da Câmara de Esposende rodeado de individualidades de destaque e jornalistas no acto da inauguração das viagens diárias de «camionetes» entre aquela praia e Méto. 9 — Os convidados para a inauguração da ligação por «camionetes» Esposende-Pôrto. 10 — Senhoras e cavalheiros da colónia brasileira do Pôrto que foram a bordo do «Bragé» despedir-se dos excursionistas que seguiram para o Brasil.

(Fotos Álvaro Martins)

A CASA FRANCISCO ANTÓNIO MOREIRA LTD., do Largo de S. Julião, terá no Salão da "Voga" um "stand" de decorações e papeis pintados

FIGURAS DO MOMENTO



FLORENCE VIDOR

UMA das mais célebres artistas do cinema americano que o público português aprecia justamente, acaba de consorciar-se com o violinista Jascha Heifetz.



A ESPOSA DE TOLSTOI

A companheira do grande romancista russo é, por ocasião do centenário de seu marido, acusada de ter sido, em vida do grande apóstolo da paz, um verdadeiro flagelo para o grande pensador e portanto a única causa da retirada do velho conde Leão Tolstói para o exílio de humildade em que morreu.

(Foto H. Manuel).



JASCHA HEIFETZ

O maravilhoso violinista húngaro, considerado o mais célebre virtuoso da actualidade, que acaba de efectuar uma tournée que abrangem as cinco partes do mundo e obteve, em seguida, os seus maiores êxitos monetários na América, casando há dias com a artista de cinema Florence Vidor.



LEÃO TOLSTOI

O eremita de Tarskoff-Selo, novo apóstolo do bem, fundador duma grande escola literária e filosófica, terá o seu centenário celebrado em todo o mundo culto. O romancista de «Ana Karenina» e «Ressurreição» será lembrado por todos com veneração.

(Foto H. Manuel).



HORTENSE LUZ

A vedeta portuguesa do teatro ligeiro, mais profundamente querida por todas as camadas sociais e que tem conseguido, à força de talento e bom gosto, exercer uma vasta remodelação na revista portuguesa, conservando-lhe o seu pitoresco mas modernizando-a e tornando-a luxuosa e brilhante. Como estréla da actual companhia do Maria Vitória, Hortense Luz tem conquistado grandes triunfos e realizou a pitoresca e comovedora ideia de um lódo de alpargatas aos indigentes que, por virtude de recente edital, têm que apresentar-se calçados, comemorando assim o êxito dum número da sua revista intitulado «Pé descalço».



LAURENT BYNAC

CONHECIDO homem de Estado que acaba de ser nomeado ministro da aviação francesa em substituição do malgrado Bokanowsky.

(Foto H. Manuel).



ANTÓNIO SOARES

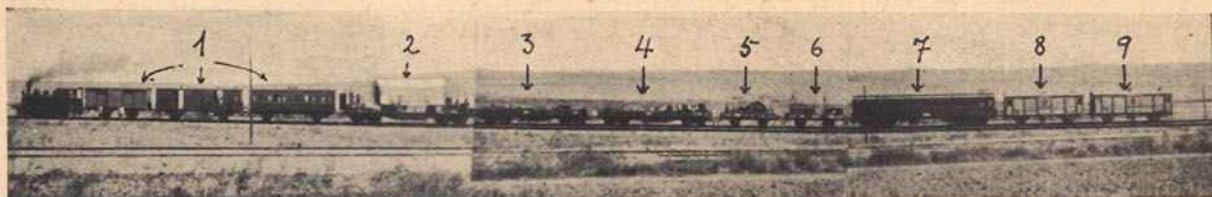
EMINENTE desenhista e o mais alto valor entre os pintores modernos de Portugal, que se tem notabilizado ultimamente como originalíssimo decorador teatral.



MARCELLA LECLERCQ

FORMOSÍSSIMA bailarina francesa que em breve se apresentará em Lisboa em sensacionais espectáculos de grande novidade destinados a um êxito absoluto.

Terá um "stand" no Salão da "Voga" a casa **GRANDE BAZAR DO PORTO, LTD.**, representante dos magníficos gramofones "His Master's Voice"



O COMBÓIO DO TRIGO: 1—Alojamentos do pessoal, 2—Selecionador, 3—Charruas, 4—Tractores e grades; tracção mecânica, 5—Moto-charrua, 6—Distribuidores de adubos e semeadores, 7—Trigos e adubos, 8—Grades, tracção animal, 9—Cultivadores

Fizeram os jornais a necessária propaganda do «combóio do trigo» enquanto esta iniciativa esteve em curso. Dos seus resultados imediatos os técnicos do Ministério da Agricultura que se encarregaram da missão devem a estas horas estar preparando o respectivo relatório para as estações oficiais:



Tractor «Hauomag» trabalhando em Moura ante a curiosidade dos lavradores da terra e cercanias

mas, daquilo que se sabe já, é lícito concluir que o esforço dispendido não foi inútil, e que a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, merecedora de muito aplauso pela sua atitude, encontrou nos técnicos da agronomia oficial que acompanharam o combóio uma colaboração prestante e digna do apêço geral.

Nunca há que esperar das iniciativas deste género, mesmo naqueles meios em que é maior a predisposição para accitá-las, a collicita immediata de uma frutificação abundante; são elas como semente lançada à terra, muita da qual perdida, e alguma só tardiamente germinando. Nem por isso o processo é para desprezar, cabendo-lhe nos países que progredem, cada vez maior contingente nos trabalhos da propaganda agrícola realizada.

No caso sujeito foi já notável, como primeira viagem, o itinerário que se conseguiu vencer com pontualidade; as terras visitadas, podendo a visita servir às povoações

próximas, foram: Vila Franca, Santarém, Muge, Cortice, Vendas Novas, Évora, Mora, Arraiolos, Estremoz, Vila Viçosa, Reguengos, Viana do Alentejo, Cuba, Beja, Serpa, Moura, Aljustrel, Ourique, Grandola, Alcácer e Setúbal.

Fizeram-se demonstrações de cultura mecânica em Santarém, Reguengos, Serpa, Moura e Alcácer do Sal; as máquinas que trabalharam foram: charruas e grades de molas, de tracção mecânica; charruas de ferros e de discos e grades de tracção animal.

Escolheram-se 220 moios de trigo a 120 lavradores por intermédio do aparelho

«Schule», uma das máquinas mais interessantes da composição do combóio.

Durou este trabalho de limpeza por vezes até perto da meia noite. Houve trigos que depois de limpos aumentaram de 10 quilogramas por hectólitro o peso específico (passando de 65 a 75).

Fizeram-se conferências sobre a cultura cerealífera em Vila Franca, Vila Viçosa, Reguengos, Aljustrel e Alcácer do Sal.

Quási sempre a apresentação do combóio foi feita com a realização simultânea de profeccões luminosas, quer no próprio

combóio, quer nos animatógrafos locais. Calcula-se que o número de lavradores que visitaram o combóio andarà por 5.000, notando-se em tôdas as estações do percurso razoável affluência de seareiros e pequenos



Charrua «Oliver» para gado, trabalhando em Serpa

proprietários. Assim, o interesse do público ajudou a manter constantemente animados os propagandistas da missão.

AZEVEDO GOMES.



Lavradores examinando o combóio do trigo na estação de Ourique

BASTOS E SILVA LTD.ª e PARIS-CHIADO, reis das novidades, malas de senhora, etc., apresentam-se no Salão da «Voga»

ADMIRAÇÕES E INCOMPATIBILIDADES

Conta Diógenes Laércio que, quando Zenão consultou o oráculo sobre o que devia fazer para conseguir uma vida feliz, a deidade respondeu-lhe que se assemelhasse aos mortos no côr, em virtude do qual se entregou completamente ao estudo dos livros antigos.

É o que Laércio afirma, traduzido pelo sr. José Ortiz y Sanz. Eu confesso que não teria compreendido o oráculo. Sem ouvir nenhum, eu também há tempos me dediquei a lêr livros antigos e modernos, por curiosidade e para saber um pouco da vida.

CERVANTES, SHAKESPEARE, MOLIÈRE

Eu tive a ideia, durante uma larga época, de que Shakespeare era um escritor único e diferente dos outros. Parecia-me que entre ele e os outros não havia diferenças de quantidade, mas sim de qualidade. Julgava que Shakespeare era assim como um homem de humanidade distinta; hoje não sou da mesma opinião. Nem Shakespeare é a única essência da literatura do mundo, nem Platão e Kant a única essência da filosofia universal. Dantes, admirava os pensamentos e os tipos do autor do *Hamlet*; hoje, o que mais me maravilha, quando o leio, é a sua retórica e sobretudo a sua alegria.

Cervantes é para mim um espírito pouco simpático; tem a perfídia de ter pactuado com o inimigo (a igreja, a aristocracia, o poder) e fingir que não; filosoficamente, a pesar do seu amor pela Renascença, parece-me vulgar e pedestre; mas está sobre todos os seus contemporâneos, porque acertou com um invento, D. Quixote e Sancho, que está para a literatura como o descobrimento de Newton para a física.

Quanto a Molière, é um triste; não chega nunca à exuberância de Shakespeare, nem ao invento que immortaliza Cervantes; mas tem mais gosto que Shakespeare e é mais social, mais moderno, que Cervantes. O meio século, ou pouco mais, que separa a obra de Cervantes da de Molière, não basta cronologicamente para explicar esta mudança. Vê-se que, entre a Espanha de D. Quixote e a França do *Bourgeois Gentilhomme*, há qualquer coisa mais que tempo. Pela França passaram Descartes e Gassendi; em compensação, na Espanha de Cervantes germina a semente de Santo Inácio de Loyola.

OS ENCICLOPEDISTAS

Um jornalista francês, que neste verão costumava vir à minha casa, dizia-me:

Na Revolução Francesa são grandes as ideias e não os homens. Na revolução de 1848: Para mim, na Revolução Francesa, são grandes os homens e não as ideias.

De todas as obras transcendentais da época pre-revolucionária, quais as que se lêem? Quais, as que têm influência? Na França, Rêmusse, nas escolas, trechos de Montesquieu, Diderot e Rousseau; fora da França, não se lêem em parte nenhuma.

Era preciso que a gente tivesse um cérebro de constituição bastante estranha para ir a um balneário com o Espírito das leis de Montesquieu ou com o *Emílio* de João Jacques Rousseau dentro da mala. Montesquieu é uma prova de que as obras não vivem exclusivamente pela correção do estilo.

De todos os escritores, que tanta fama tiveram no século XVIII, o único que hoje resiste à leitura é Voltaire, o Voltaire do *Dicionário Filosófico* e dos romances.

Diderot, que os franceses consideram um grande homem, não tem o menor interesse para um espírito moderno, pelo menos para o que não lê francês. É quasi tão aborrecido como Rousseau. A *Religiosa* é um livrinho perfeitamente falso. Imprestei-o aqui há anos a uma menina que tinha saído dum convento: «Nunca vi nada semelhante!» — disse-me. É uma fantasia que não se assemelha nada à verdade. Era o que eu pensava. *Jacques*, o fatalista, é aborrecido; quanto ao *Sobrinho de Rameau* dá, ao princípio, a impressão de que vai ser qualquer coisa, qualquer coisa de forte como o *Satibón*, de Petronio, ou o *Buscón*, de Quevedo; mas chega-se ao fim e não se encontra nada.

Do período pre-revolucionário, há um escritor

POR PIO BAROJA

(Com a publicação desta página admirável de Pio Baroja, damos a conhecer aos nossos leitores um dos escritores mais fortes e mais originais da literatura espanhola contemporânea.

As opiniões sugestivas do grande novelista Vasco delera dos maiores nomes das letras universais, oferecemos o ensejo de inserir na illustração uma das crónicas mais interessantes que se tem publicado em revistas portuguesas deste género).

que hoje se lê com prazer, talvez por não construir: Chamfort. Os seus caracteres e aneddotas tem o sal e a pimenta necessária para desafiar a acção do tempo.

OS ROMÂNTICOS

GOËTHE

Se no Parnaso fizessem um regimento de génios, Goethe teria que ser o tambor-mór. Tão grande, tão magestoso, tão sereno, tão cheio de talentos, tão cheio de virtudes, e, a-pesar disso, tão antipático.

CHATEAUBRIAND

É o ôbre de Lachryma Christi que se avimbrou. Algumas vezes o sublime e carnichoso visconde deita melão no ôbre para lhe tirar o gosto do vimagre; outras, mais azedume para anular o doce.

VITOR HUGO

Oh a mais genial das retóricas, Vitor Hugo ou a mais requintada das vulgaridades, Vitor Hugo ou o bom senso dissimulado em arte.

STENDHAL

O inventor do automatismo psicológico movido por máquina de relojoaria.

BALZAC

O pesadêlo, o sonho dumã noite de indigestão, a frialdade, a penetração, a estupidês, o delírio de grandezas, a quinquilharia, o *vidrio*, o mau gosto. Pela sua fealdade, pelo seu génio e pela sua imoralidade é o Danton da tinta de imprensa.

POË

A esfinge misteriosa que faz tremer com os seus olhos de linçe; o cinzelador de maravilhas mágicas.

DICKENS

É o palhaço místico e triste, S. Vicente de Paulo da corda bamba, S. Francisco de Assis dos recantos londrins. Nele tudo é gesticação e gesticação ambígua. Quando ameaça chorar, ri; quando ameaça rir, chora. Homem admirável, que se quer fazer pequeno e que, no entanto, é tão grande!...

LARRA

É um pequenino tigre amestrado, metido numa diminuta jaula. Faz as mesmas graças dos gatos, mia como êles, consente que lhe passem a mão pelo lombo, mas, por vezes, o instinto salta-lhe aos olhos e vê-se então que pensa: com que prazer vos devorava.

OS NATURALISTAS

FLAUBERT

Flaubert é animal de pata pesada. Bem se vê que é normando. Toda a sua obra tem muito peso específico; a mim, aborrece-me. Um dos achados de Flaubert é ter imaginado o tipo de Homais, o boticário de *Madame Bovary*. Acho que Homais não é mais estúpido que Flaubert, talvez até seja menos.

OS GIGANTES

O bom Zola, atleta sudoriparo e pesado, chamava aos seus contemporâneos, aos romancistas naturalistas franceses, «Os Gigantes». Que illusão! Esses gigantes são os Goncourt duma insignificancia tal que algumas vezes chega a

imbecilidade, e Afonso Daudet, com a sua bitola de actor de feira e obras mediocres, comida francesa, bastante leve, pese aos seus bons condimentos. Esses pobres gigantes, de que falava Zola, tornaram-se tão flácidos com o tempo e tanto encolheram que já ninguém os distingue mesmo como anões.

OS REALISTAS ESPANHOIS

Os realistas espanhóis da mesma época são para mim o cúmulo do desagradável. O mais antipático de todos é Pereda. Lendo-o, parece-me ir sobre uma mula caprichosa e com muita manha, que anda com um trotesinho incômodo e dá cabriolas affectadas como os cavalos dos circos.

OS RUSSOS

DOSTOIEVSKI

Daqui a cem anos falar-se-há do aparecimento de Dostoievski na literatura como dum acontecimento, e dos mais extraordinários, do século XIX. Na fauna espiritual europea, será uma coisa assim como o Diplodocus.

TOLSTOI

Há alguns anos, costumava eu ir ao Ateneu de Madrid e discutia com aquela gente, que em geral tem obliterado o conduto por onde os outros homens recebem as ideias.

Para mim Tolstói é um grego — dizia eu certa vez; é sereno e claro; os seus personagens parecem denses; não se preocupam senão com os seus amores e paixões, não tem esse problema agudo de viver que para nós é primordial.

— Que disparate! Tolstói não tem nada de grego — afirmavam êles.

Alguns anos depois, numa homenagem que se fez a Tolstói, Anatole France dizia: Tolstói é um grego.

Ouvindo isto a Anatole France, talvez que a obliteração desse conduto por onde os outros recebem as ideias cessasse momentaneamente naqueles ateneístas; e pensaram que bem podia ser que Tolstói tivesse um pouco de grego.

OS CRÍTICOS

SAINTE BEUVE

Sainte Beuve escreve como quem diz a última palavra, sobretudo como se estivesse no fiel da balança. Parece-me a mim que este escritor não é tão compreensivo como ele imagina. Todo o seu interesse reside nas suas aneddotas, e a sua intenção malévola, na sua alcoviteira. Quanto ao resto, descobre os mesmos Mediterrâneos que qualquer outro.

TAINÉ

Hipólito Taine também é um homem desses que julga compreender tudo. Quanto a mim, acho que às vezes não compreende nada. A História da Literatura Inglesa, que quer ser ampla e generosa, é a coisa mais estreita e mais mesquinha do mundo. Os seus artigos sobre Shakespeare, Walter Scott e Dickens são dum professor francês, isto é, dum dos produtores universitários mais estúpidos da Europa.

RUSKIN

Parece-me o príncipe dos adventícios: sumptuoso, selento, um general dumã Salvation Army artística ou irmão dumã Doutrina estética formada por «touristas».

CROCE

A estética de Croce foi para mim outra desillusão. É mais o estudo das teorias estéticas do que propriamente uma estética. Como em quasi todas as obras de autores latinos, não se debate nela o fundo da questão, mas o método para estudar uma questão.

CLARIN

De Clarin, de quem alguns amigos meus falavam com entusiasmo, eu tenho má opinião. Como homem, foi sem dúvida um invejoso, como romancista acho-o pesado e triste, como crítico nunca lhe encontrei tino.

(Exclusivo da tradução portuguesa de illustrações).

FIGURAS EXCÊNTRICAS DA NOSSA TERRA

MANUEL DAMHA (O GRÊGO)

CONTA A UM REDACTOR DA «ILUSTRAÇÃO EM POUCO DA SUA VIDA DOS SEUS SOFRIMENTOS E FORNECE-LHE ALGUMAS AMOSTRAS DA SUA LITERATURA SENTIMENTAL.

Quando há tempos, necessado pela carestia de habitações na capital, fomos qual lobo fugitivo do povoado procurar refúgio em Parede, linda povoação dos arredores que o mar beija e o sol doira, um amigo íntimo, antes de informar-se da nossa saúde, quis logo saber se já fóramos visitar o «Grêgo».

Sucede que nós não sabíamos quem era o «Grêgo», mas a naturalidade com que o velho amigo por ele nos perguntava fez-nos pensar que deveria ser pessoa tão conhecida, talvez tão célebre, que ignorá-la seria vergonha tão grande como para um literato desconhecer Eça, Herenlano ou Camões. Efectivamente, o «Grêgo» era pessoa célebre para aquelas bandas; andava misturado em todas as conversações, era por vezes discutido apaixonadamente e, mais tarde, vim a saber que tal como os musens, os edificios históricos e as exposições de arte possuía um álbum vasto todo garantido de assinaturas das pessoas que o visitavam. Parece que o próprio vento—aquele vento impetuoso e gemebundo que constitua uma dos mais poderosos encantos de Parede e o maior contratempo dos veranientes—cantava o seu nome a todas as horas e o levava, introduzindo-o através das frinças das portas e das janelas entreabertas, nos lares tranqüilos.

O «Grêgo!» O «Grêgo!» Era o que se ouvia a todas as horas e a todos os instantes.

Um dia, irritado com o mistério que envolvia esse ser quasi lenitário de quem todos falavam e que nossos olhos nunca haviam descoberto, cometemos a imprudência de perguntar:

—Mas, afinal, quem é esse «Grêgo» de quem toda a gente fala?

Souo em redor um «oh!» de assombro. E nós, se fôssemos susceptíveis de corar, teríamos denunciado pela nossa cor de pimentão a perturbação que o assombro dos circunstantes produziu em nossa alma.

Houve alguém, condóto da nossa ignorância, que nos chamou de parte e nos elucidou:

—O «Grêgo» é... um grêgo. Sim, um homem que deveria ter nascido na Grécia e que, sendo saltimbanco no Brasil, adquiriu, em consequência de uma queda desastrosa, uma doença na espinha dorsal que o prostrou no leito. Veiu há anos procurar cura no sol e nos ares iodados de Parede e, como é pobre, vive de esmolas numa barraca que fez construir na praia.

As palavras do nosso informador fizeram-nos pensar durante alguns dias nesse ente singular, grêgo de origem, saltimbanco de profissão, que um desastre arremessára à praia como um despojo de naufrágio.

Rodaram os meses. A fama do grêgo não deixava de nos perseguir como um sombra. Até que, por uma tarde de verão, sob o sol abraçador, nos resolvemos a encaminhar os nossos passos até à praia e procurar, no grupo de barracas envernizadas e elegantes, alçadas num sítio denominado Pedra Alta, a

moradia do grêgo célebre. Não foi difícil a nossa busca porque, embora pintada da mesma cor, a sua barraca ostenta—para distinguir-se das outras—vários letreiros desenhados a branco em fundo negro, annunciando o aluguer e o empréstimo de livros e recomendando às mães a leitura dos livros de D. Ana de Castro Osório, que ele tem em muito apreço. E em letras mais avantajadas liam-se estas palavras elucidativas:

Manuel Damha (o Grêgo)

Subimos alguns degraus de pedra e assomámos ao limiar da porta. Olhámos. Ao fundo, estirado num taboleiro, um homem moreno, barretinho turco inclinado para a testa, feições correctas, fitava-nos com seus olhos escuros, grandes, suaves. Era o «Grêgo». A sua beira, sentada numa cadeirinha baixa, uma senhora nutrida, simpática, vestida de *popeline* creme, olhava-nos surpreendida.

Apresentamo-nos. E Manuel Damha (ele pronuncia *Dâmia*), que fala um português correctíssimo, adocicado por um leve sotaque, então uma ladainha de lamentações. A sua voz é comovedora e sua frase possui, por vezes, uma evangélica suavidade.

Escutando-o quasi sem uma interrupção—porque o «Grêgo» é melhor orador do que ouvinte—formulávamos intimamente esta pergunta: será um genial comediante ou uma alma simples, sofredora e sincera?

Entretanto, a despeito de nossas dúvidas, uma onda de ternura invadia pouco a pouco o nosso coração; nele se infiltrando como a humidade do oceano na areia dourada da praia.

—Imagine, senhor—dizia-nos ele, na sua

maneira comovedora e doce—que pretendem destruir as nossas barracas. Não lhe parece um crime? Não há direito de se privar um doente pobre, como eu, que vivo das esmolas que almas caridosas me dão, de fazer a sua cura. Obrigarem-me a sair daqui, desta barraca modesta, construída à custa de tanto sacrificio, é condenarem-me à enfermidade por toda a vida. Só corações muito duros podem ditar tão feroz sentença.

Efectivamente, a Junta de Higiene e a Câmara de Cascaes condemnaram há tempos aquelas barracas, alegando, a primeira, que a sua permanência não era salutar na praia, aduzindo a segunda que quebravam a linha estética daquelle local, onde faria construir uma grande esplanada para regalo público.

—Vai construir-se—lamentou o «Grêgo»—uma esplanada para gozo das pessoas saudáveis, sacrificando os doentes pobres que, coitados, tanta dificuldade encontram na sua cura. Este agrupamento de barracas é um verdadeiro sanatório.

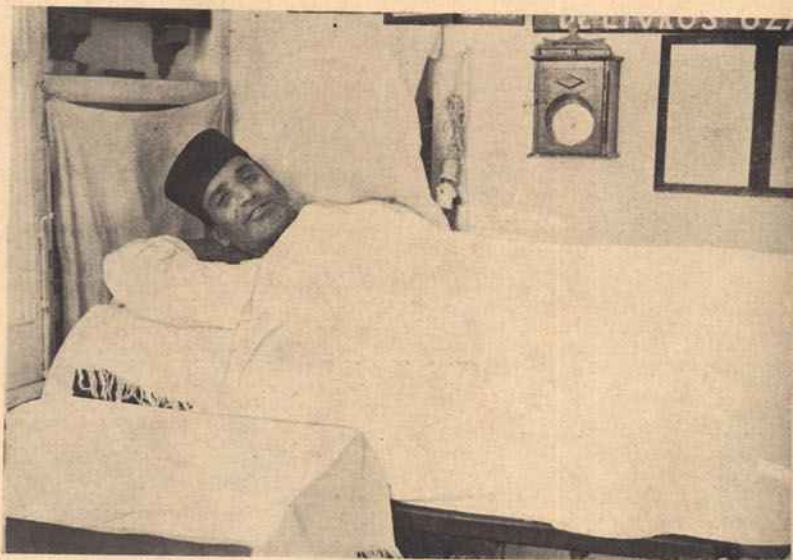
«São doze os doentes que vêm aqui procurar, por conselho médico, a cura pelo ar e pelo sol de Parede. Desalojar daqui estes infelizes é tornar ainda mais triste a sua já tão triste existência. De nove barracas construídas neste local, todas muito higiénicas e bem conservadas, três são minhas. Ainda não estão pagas, por sinal, a despeito dos auxílios que pessoas bondosas constantemente me prestam. Eu não recebo nada pelo aluguer das minhas barraquinhas, cedo-as por humanidade. Agora querem desalojar-nos. Para onde havemos de ir, meu Deus?!»

A senhora nutrida e simpática abana a cabeça, compungida, e nós sentimo-nos mais tristes ante o angustiioso quadro que Manuel Damha acabava de traçar com tanta eloquência. Procuramos na alacridade que banhava a praia a luminosa alegria exigida pelo nosso espirito ensombrado.

—De que enfermidade sofre?—inquirimos, tentando fugir a uma conversa triste, por um caminho igualmente triste.

—De mal de Pó—informou ele.—Foi há anos no Brasil. Dei uma queda no palco—e fiquei assim.

—O senhor era *clown*?



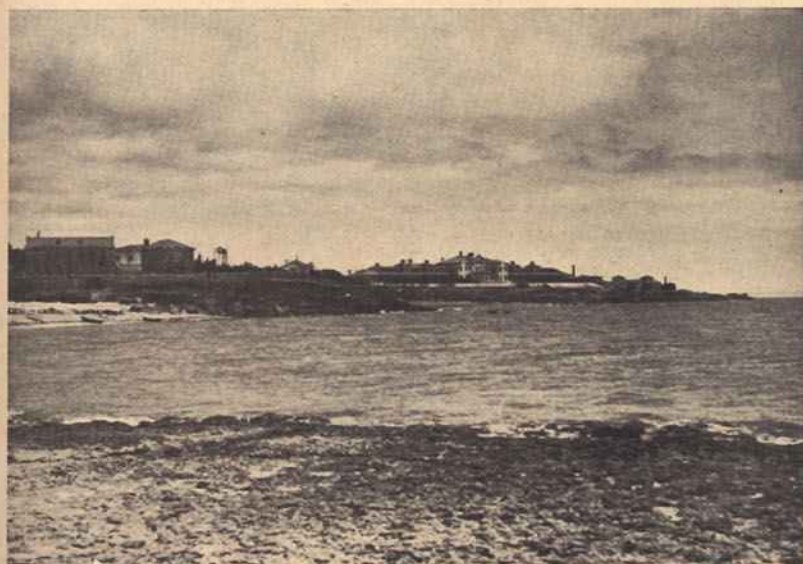
Manuel Damha, «O grêgo da Parede»

As Companhias Reunidas Gás e Electricidade terão no Salão da "Voga" uma maravilhosa cozinha-ideal eléctrica

O grêgo sorriu ante a nossa pergunta.
 — Informaram-no, provavelmente, de que eu era palhaço? Enganaram-no. Nunca fui saltimbanco. Eu era actor. Trabalhava numa companhia dramática síria.
 — Síria?
 — Sim, síria. Percorri vários países da Europa e da América, representando.
 — E em que língua representavam?
 — Em sírio.
 — !
 — No Brasil há muitos sírios que toda a

A senhora simpática vestida de *popeline* trouxe-nos o album. Assinamos. As páginas anteriores estavam cobertas de rúbricas.
 Manuel Damha quiz ainda ter uma gentileza para connosco, emprestando-nos onze livros da sua autoria — onze livros pequenos, de oito a dezessexis páginas.
 Aparte um ou outro destes folhetos onde se desfolha uma tristeza lírica, quasi piegas, a obra do «Grêgo» é constituída por comovedoras manifestações de pública gratidão a pessoas que o têm auxiliado monetariamente.

bre Marla, Manuel Damha e a alma portuguesa, O regresso à Terra Natal (à procura do primeiro amor), Vinte cartas de amor, Belezas e magias, Saúdaes (um livro de amor e ternura) e Para quem ama.
 Este último folheto ostenta na capa cor de rosa este comentário que muito ilucida o leitor: *Livro cujas cartas contém a história de dois namorados que sinceramente se amaram; finalmente o seu amor acabou amarguradamente.*
Vinte cartas de amor, que atraz citamos, substitui à vontade o *Manual do perfeito namorado*. As meninas e os rapazotes que flirtam na praia de Paredes, tão concorrida, devem encontrar neste folheto de Damha uma admirável inspiração. A primeira carta, a inevitável declaração de todos os tempos, diz perentoriamente:
Encantou-me a sua presença, estatura, pronúncia e beleza de rosto.
 Está conforme os preceitos do bom conquistador de corações femininos. Mais adiante a mesma carta contém esta frase profunda:
Amo-a sinceramente.
 Bem, muito bem!
 Antes destas frases encantadoras ainda se lê esta outra:
Passando, por acaso, pela rua de V. ex., espreitando as rosas do seu jardim, encantou-me a mais fresca e a mais perfumada de todas.
 Os leitores bem sabem qual era a mais bela e perfumada de todas. Sim, era ela, a mulher amada — nem podia ser outra.
 E escrevendo estas encantadoras banalidades, que sempre foram maravilhas para os corações enamorados, que Manuel Damha en-



Vista da Paredes. Ao fundo as rochas sobre que se edifica o «Sanatório dos pobres»

gente julga turecos. Os turecos que lá se encontram, são, afinal, quasi todos sírios...
 Estranhámos que sendo ele grego trabalhasse numa companhia síria. Ele então contou-nos:

— Realmente sou grego, como meu pai. Nasci na ilha de Creta. Minha mãe essa, sim, é síria. Em 1894 os gregos fizeram em Creta uma matança brutal, cruel. A maioria da população pereceu na chacina, e a que escapou fugiu para a Síria. Eu fui, com minha família, um dos fugitivos. Na Síria me criei e medrei, me fiz homem, iniciando muito novo a carreira dramática. Conto hoje trinta e oito anos e, se há atorze não estivesse reduzido a esta miséria física, ainda continuaria de certo a percorrer o mundo.

«Vim do Brasil a Portugal a fim de me curar. Fiquei maravilhado com este país e com a cordura de seus habitantes. Adoro a Paredes, onde me encontro há doze anos. Portugal é a minha segunda pátria.

E em voz mais enternecida, evocação remota dos seus tempos de galá:
 — Não deveria eu amar Portugal e os portugueses se aqui vim encontrar um pouco de saúde e dos carinhos perdidos!

A senhora nutrida e simpática teve nesse momento um olhar de infinita piedade.
 — Mercê das boas almas que me protegem — disse elle com unção — não tenho sentido privações. Nunca poderei agradecer tantos auxílios, tanta caridade.

E mudando de tom:
 — O senhor quiere pôr a sua assinatura no meu album de visitas?
 Acedemos da melhor vontade.



Doentes em tratamento no «Sanatório dos pobres» na Paredes

São assuntos da sua vida particular que, postos em letra de fôrma, muito devem desvanecer as pessoas que gostam de saber bem reclamada a sua generosidade.
 Eis os títulos de alguns folhetos que os leitores mais curiosos poderão encontrar à venda na barraca do autor: *A minha maior máguia ou lamentações do Manuel, O bobo de Bagdad, Os hinos da minha gratidão, A po-*

tretem seus ócios forçados de celibatário enfermo. São estes lirismos inofensivos e a presença de uma ou outra pessoa piedosa, como essa simpática senhora nutrida que lá encontramos, que lhe dão uma tênue ilusão de felicidade.

MÁRIO DOMINGUES.

No Salão da "Voga" estarão expostos os maravilhosos automóveis WILLYS-KNIGHT, marca de fama mundial



T A B O A

S E G U N D A

ADARGA—Em campo azul, cinco flores de lis de ouro postas em sautor.

D'azur, à cinq fleurs-de-lys d'or posées en sautoir.

ADORNO—Em campo de prata, uma banda xadrezada de prata e de negro, de três tiras.

D'argent, à la bande échiquetée d'argent et de sable de trois tires.

ADORNO (de Salúcio Adorno) — Em campo azul, cinco flores de lis de ouro postas em sautor, e um contra-chefe faxado e ondado de seis peças de prata e de azul.

D'azur, à cinq fleurs-de-lys d'or posées en sautoir, et à la campagne fascée et ondée d'argent et d'azur de six pièces.

AFFONSO (Fazenda) — Em campo vermelho, uma flor de cardo de ouro, com pé e folhas de verde, e um cordão de S. Francisco, de prata, posto em orla.

TIMBRE: O cardo do escudo.

De gueules, à une fleur de chardon d'or, ligée et feuillée de sinople, et à une cordelière d'argent posée en orle.

CIMIER: *Le chardon de l'écu.*

AFFONSO (de João Affonso) — Em campo azul, uma palmeira de ouro rematada por um corno de negro, voante.

TIMBRE: o corno do escudo com um ramo de palmeira de ouro no bico.

D'azur, à un palmier d'or sommé d'un corbeau essoré de sable.

CIMIER: *Le corbeau de l'écu tenant dans son bec une branche de palmier d'or.*

AFFONSO (de Jorge Affonso) Partido: O I.º em campo de ouro, uma águia de duas cabeças, estendida, de negro, armada de vermelho; cortado de verde com um castelo de prata; o II.º, em campo de prata um leão de vermelho armado de azul.

TIMBRE: A águia (aliás o leão) do escudo.

Parti: au I, d'or à une aigle à deux têtes de sable, au vol éployé, armée de gueules; coupé de sinople à un château d'argent; au II, d'argent à un lion de gueules armé d'azur.

CIMIER: *L'aigle (aliás le lion) de l'écu.*

AGOMIA — Em campo azul, cinco agomias de prata postas em sautor.

TIMBRE: uma agomia do escudo.

D'azur, à cinq aiguères d'argent posées en sautoir.

CIMIER: *Une aiguère de l'écu.*

AGRALHO — Em campo vermelho, cinco gralhos de prata sombreados de negro, postos em sautor.

De gueules, à cinq corneilles d'argent ombrées de sable posées en sautoir.

AGUIAR — Em campo de ouro, uma águia estendida de vermelho, armada de negro.

TIMBRE: A águia do escudo.

D'or, à une aigle de gueules au vol éployé, armée de sable.

CIMIER: *L'aigle de l'écu.*

AGUILAR — Em campo de ouro, uma águia estendida de vermelho, lampassada do mesmo, bicada, sancada e armada de negro, carregada de um crescente de prata sobre o peito e parte das asas.

TIMBRE: A águia do escudo.

D'or à une aigle de gueules au vol éployé, langué du même, becquée, membrée et armée de sable, chargée d'un croissant d'argent sur sa poitrine et partie du vol.

CIMIER: *L'aigle de l'écu.*

AGUIERA — Em campo de ouro, uma águia estendida de negro.

TIMBRE: A águia do escudo.

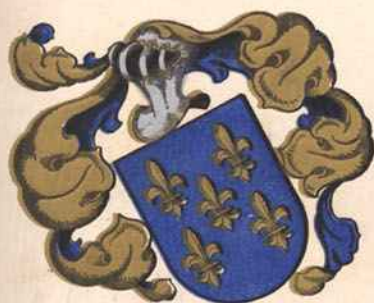
D'or, à l'aigle de sable au vol éployé.

CIMIER: *L'aigle de l'écu.*

ALAGÃO — Em campo de prata, três rodélas de azul postas em roquete, isto é, 1 e 2.

D'argent, à trois rondaches d'azur mal ordonnées.





Adarga



Adorno



Adorno



Affonso



Affonso



Affonso



Agomia



Agralho



Aguiar



Aguilar



Aquilera



Alagão

ALEXANDRE REY COLAÇO

Essa sala sobre-comprida, de frestas-linhas abertas sobre o oriente, mas de luz coada pelo arvoredor, e outras janelas viradas ao poente, teto pouco alto, ambiente calmo, confortável discreto onde cada móvel e cada adorno falavam ao espírito ou ao coração, evocamo-la sempre com Saúdade, e reveste-a agora em nossa recordação a sombra ao mesmo tempo ansiosa e consoladora dum santuário. Pois nela viver para os seus amigos e os seus discípulos o grande artista que foi Alexandre Rey Colaço; nela se recortava a sua figura aristocrática e se revelava plenamente o seu fino critério, as suas infalíveis sciência pianística, erudição e intuição artísticas, com o seu tacto fidalgo.

Também no Conservatório, Rey Colaço era pródigo da sua Arte, fundamentalmente dedicado a quem seguia os seus ensinamentos; o seu temperamento rico e profundo que principiava por contrastar com a banalidade desumida da aula, acabava por aquecer e alegrar o ambiente, sem que o Mestre perdêsse nunca a discreção e a distinção que eram das suas maiores características. Mas os gostos, os hábitos, criam, por mão própria ou pela mão dum inteligente disselvo, uma atmosfera pessoal aparentada mais ou menos misteriosamente à personalidade que é o seu foco. Foi por isso decerto que, evocando num preito rendido a bela figura de Alexandre Rey Colaço, se nos apresentou um quadro completo em que vimos tanta vez reflectida a sua personalidade.

O olhar do Artista, tão finamente inteligente, era o índice duma alma subtil e complexa; quem pudesse ter lido nêlle via um quadro bem mais completo ainda: o seu mistério foi levado agora pelo outro grande mistério. Olhos tão cheios de humanidade,

que nunca disseram a última palavra, nunca cristalizaram num último pensamento, nunca guardaram um rancor injustificado, nunca descreeram da Bondade... O seu mistério



O último retrato do Prof. Rey Colaço

foi levado agora pelo outro grande mistério, deixando a alguns o privilégio de buscar no que o rodeou a sua sombra, o reflexo vivo da sua Vida, — e a todos os outros a Saúdade, e as Recordações.

A carreira artística de Alexandre Rey Colaço têm sido lembrada com os essenciais apontamentos, — seus estudos brilhantíssimos, a simpatia admirativa que despertou na nobreza do regimen precedente e de que ficaram como mais altos testemunhos o rei D. Carlos, seu filho D. Manuel, que foi de resto seu discípulo, e a falecida duquesa de Palmela.

E era Português, sim, mas de ascendência curiosamente tocada de várias outras nacionalidades. Opiniões, crenças, amizades devia

tê-las, — mas não havia nêlle nada de político, e se atingia ao fanatismo era sem alarde. A sua influência deixou sinais que julgamos imperceptíveis; no seu modo de ensinar formou uma escola de técnica — quanto às suas interpretações os clássicos e os românticos não podiam encontrar mais fiel e profundo entendedor, que achava ainda qualquer beleza a revelar, qualquer intenção a desmascarar quando algum de nós tinha a presunção de ter dito tudo quanto havia a dizer!

Tivemos a ditosa honra de conhecer Alexandre Rey Colaço em 1914, na época em que realizava com João Passos e Tomás de Lima a audição integral dos trios de Beethoven, e no ano seguinte com Júlio Cardoza, exemplificava em seis concertos a evolução da sonata desde Corelli até Fauré. Nos últimos anos viveu mais afastado do público, mas não deixou de formar artistas, e trabalhou até ao fim, pois foi operado lam as férias começar, falecendo há poucos dias ainda.

Deixa também formosas composições; algumas para piano e canto, quasi tôdas para piano só, — elegantes, e escritas com rara elegância. Vem a propósito apontar outra característica do Mestre: o equilibrio do seu próprio juízo sobre as suas faculdades artísticas. A sua probidade pessoal fica um exemplo difficil de seguir, na sua singeleza.

Quanto à sua bondade sem piéguice, se é certo que o fez sofrer por vezes, trouxe-lhe ao mesmo tempo a compensação dôce da redenção. Alexandre Rey Colaço deixa, para nós, um nome luminoso, que invocamos com gratidão e amor.

16 de Setembro de 1928.

FRANCINE BENOIT.

AS NOVAS MARAVILHAS DO MUNDO OS PARQUES DESPORTIVOS DO RIO DE JANEIRO O FLUMINENSE E O JOCKEY CLUB

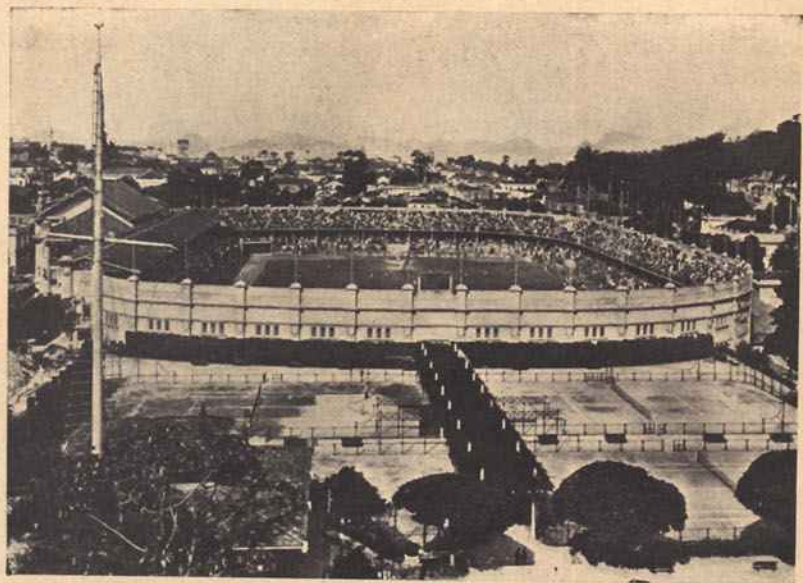
(Do nosso enviado especial)

Não há na sociedade desportiva portuguesa quem desconheça de tradição as instalações magníficas do Fluminense ou o Estádio magestoso do Vasco da Gama, do qual se fala como de uma das maiores arenas desportivas do mundo. No entanto, nunca, a meu conhecimento, foram dadas a público fotografias de qualquer destas instalações, em revistas da nossa terra. A ocasião proporciona-se-me agora de reparar esta falta e, embora as ilustrações sejam a razão de ser destas páginas, acompanhando-as com algumas notas que mais largamente darão a conhecer os detalhes preciosos que a objectiva nunca poderia inteiramente fixar.

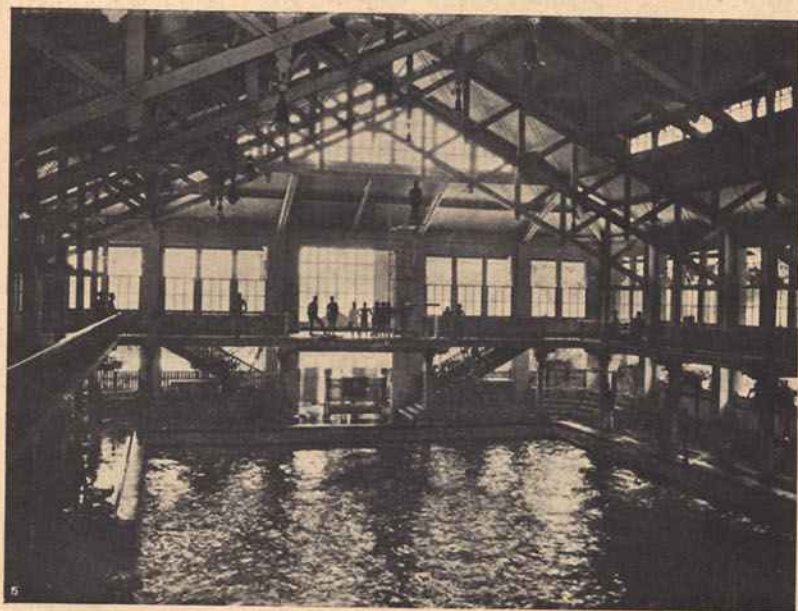
Os campos desportivos que visitei no Rio de Janeiro ou tinham edificação definitiva e eram monumentais, como esse Fluminense de sonho e esse Vasco gigantesco, ou estavam em plena evolução, como o Botafogo, o América, o S. Cristóvão e o Flamengo, revelando extraordinárias capacidades financeiras, das que nos causam vertigens. Aqui, nesta Golconda do desporto, o dinheiro conta-se por milhares de contos... brasileiros. Não há obstáculos que impeçam uma obra de ser realizada; os próprios entraves da natureza se demovem a golpes de milhões de réis.

O «América», por exemplo, possuía um campo acanhado, deficiente, entalado numa escassa faixa de terreno, entre uma avenida e uma colina de escarpa abrupta e algumas dezenas de metros de alto.

Pois no dia em que o club encaron a possibi-



O estádio do Fluminense. — A esquerda, circunscrita à tribuna, a sede social



Interior da piscina do Fluminense

lidade de melhoramento de instalações, o problema foi de pronto resolvido com enorme simplicidade; invertem a situação no campo, que de leste-oeste passou a norte-sul, e como a aberta zona da avenida à colina era insuficiente em dimensões, deitaram a colina abaixo até haver espaço bastante.

O «S. Cristóvão», outro club da primeira divisão, possui também um estádio modernizado que, não atingindo as proporções grandiosas dos maiores colossos, é no entanto, com suas duas lamedas, com seu anfiteatro, suficiente para que o contemplamos com o mesmo olhar que um guloso deve lançar à montra apetitosa de uma confeitaria.

O «Flamengo» e o «Botafogo» possuem presentemente instalações que, sob o ponto de vista de acomodação do público estão abaixo da média das congéneres portuguesas. Mas em ambas colectividades a situação é transitória, esperando o primeiro o termo das negociações de compra de um mais vasto terreno, para encetar a edificação de um Estádio goliático, cuja planta nos foi mostrada e para o qual o club possui em cofre os milhares de contos indispensáveis. Quanto ao Botafogo, esse está já em plena laboração e conta inaugurar muito em breve o magnífico edificio social, palacete que faria a felicidade de qualquer modesto milionário.

Coincidência curiosa: no dia em que visitei as instalações do Botafogo, completavam-se quinze anos que em seu campo se estreara a «equipe» visitante portuguesa da A. F. L. desfrutando um mixto de ingleses que a bater

**TATA, "chapeliers en vogue", Rua de S. Nicolau, serão triunfadores
no Salão da "Voga"**



O formoso salão de baile do Fluminense

por 3-1. Em comemoração do facto e em amável atenção para conosco, penejava no mastro de honra, por sobre a bandeira do club, a mesma bandeira portuguesa que presidira a esse encontro.

Rapidamente enumerados assim estes clubs que constituem o segundo escalão da hierarquia desportiva carioca, sob o ponto de vista da grandiosidade, resta-me falar dos dois maiores da vanguarda footballística, o Fluminense e o Vasco da Gama, aos quais acrescentarei breves notas sobre um recinto de outro género, mas que se lhes eguala em poder de encantamento: o hipódromo do Jockey Club, jóia de bom gosto encastada numa maravilha de paisagem.

O «EDEN» DO FLUMINENSE

Percorrida a pitoresca rua de Paysandu, com seus reques de esguias palmeiras rectilíneas, torneado para a direita o palácio de habitação de S. R. X. o sr. Presidente da República Brasileira, encontramos colado a seus jardins o parque desportivo do Fluminense, e torneando mais uma vez à esquerda a rua onde sua frontaria de palacete orgulhoso marca a primeira nota de luxo e de riqueza.

A sede social do Fluminense é um palácio na

mais larga acepção da palavra, digno de ser habitado por um Cresus nostálgico que reúne

em seu âmbito todas as distrações do espirito e todos os exercícios do corpo.

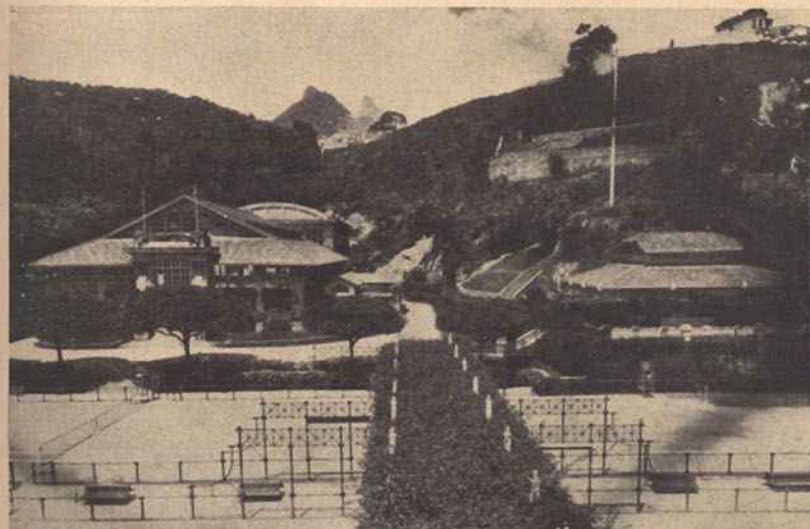
Vêr a sede do Fluminense é viver um sonho de maravilha; em seus salões, em seus terraços, nunca se pode ter a impressão de permanência num instituto de fins desportivos. Faz-se cerimónia por instintivo acanhamento; bulício, exuberâncias de vida, a efervescência da mocidade que avassala num constante marulhar as nossas humilíssimas instalações congêneres, são impossíveis aqui.

E será talvez este o único defeito que lhe poderei apontar. O Fluminense, tal como é, só pode admitir uma população de céltas e falta assim a missão igualitária do desporto. No entanto, estas observações filosóficas, não nos ocorrem quando o visitamos; pelo contrário, o encantamento assenhoreia-se de nós e, insensivelmente, perdemos a noção das coisas para cair no comodismo fácil de um Paraíso encontrado. Os tapetes abafam o ruído dos passos, os cortinados atenuam o murmúrio das vozes; poltronas, sofás, de braços carinhosamente abertos, convidam-nos ao repouso e à meditação. É o visitante, na sua necessidade de seguir sempre, desvia o olhar, foge-lhes à tentação, embriagado de luxo, estontado pelo bom gosto que se afirma no mínimo detalhe.

Não vou descrever esta sede; são três andares de diferentes atribuições; na cave, os vestiários, dormitórios de jogadores, salas de massagem e serviços clínicos, gabinetes de director sportivo e manager. No rez-do-chão, à direita do challo, o bar e o restaurante, à esquerda as salas de leitura e dos bilhares. Subida a formosa esca-



A tribuna dos «céos» do Jockey Club, com o seu onduladíssimo alpendre-monstro em cimento armado



Os courts de tennis do Fluminense - No 2.º plano, à esquerda, a piscina e o ginásio e à direita, o bar reservada nos tennis

daria, encontramos em frente o magestoso salão de baile, com suas galerias e seis terraços aos tópos, alegre, cheio de luz, que entra a jorros por uma enorme janela central de vitrais cantantes de vida e de côr, e para-as trazerias os inúmeros apartamentos directoriais, desde o gabinete da presidência à secretaria e tesouraria, todos confortáveis, elegantes, convidando à permanência.

Do palácio social passa-se directamente para o Estádio, que a ele se adossa, costas com costas, pela tribuna de arqui-bancada. Não tem a olimpica magestade do Estádio do «Vasco», mas, sendo fechado, dá melhor sensação de conforto, estamos nele mais concentrados, mais dentro de casa. A fotografia que acompanha estas linhas é suficientemente nítida para me dispensar largas descrições; apenas a arqui-bancada é coberta, e em toda a restante volta a tribuna é em dois andares, de degraus sobrepostos. O campo é relvado e com pista de carvão circundante. As bancadas comportam 30.000 pessoas.

Ao topo sul do Estádio, continua-se o parque de jogos, a meu vêr a maior maravilha do mundo desportivo. O mínimo recanto foi aproveitado com fino gosto; aqui a nota risonha de um mármore destaca-se de um massiço de verdura; mais além, à sombra cerrada de uma árvore frondosa, um banco cómodo chama-nos com insistência. Ruas de impecável piso, maciços de flores politeromas sobre um tapete

FRIGIDAIRE, o magnífico frigorífico-conservador, estará em lugar de destaque, trabalhando, no Salão da "Voga"

ILUSTRAÇÃO

verde de fôta relva, escadarias, mirantes, edifícios, maravilhas, sempre maravilhas. E fazendo fundo, como se a própria natureza quizesse contribuir para a beleza do Fluminense, o mais formoso recorte de horizonte, em colinas verdejantes, pontuadas pelos cubos alvos das casas semeadas ao acaso, continuando-se em sucessivos planos até à tela de fundo olímpica dos cumes caprichosos dos montes mais elevadas, num recorte que parece rasgado a capricho pela mão generosa de Deus.

Possui o Fluminense quatro ótimos «courts» de «tennis», situados tôpo a tôpo logo por detrás do Estádio e, adiante deles a piscina coberta e, após, ainda, o ginásio.

Os «tennis» e piscina possuem seu «hara» privativo e, num recanto do parque está instalada ainda uma carreira de tiro.

Do luxo e bom gosto destas instalações falam as fotografias; comentários meus, seriam sem brilho em frente da realidade.

O primeiro club do mundo chamam os brasileiros ao seu Fluminense com apropriada razão. A sêmula aqui escrita é um páldio reflexo do que existe. Palácio de sonho e fantasia, o encanto do Fluminense prolonga-se no trato dos seus dirigentes, que para nós capricharam em gentilezas, conquistando nossos corações como o seu club conquistou nossa admiração.

Souberam fazer da sua casa um pouco a nossa também, e nunca desportistas portugueses possuiram tão luxuoso ambiente de actividade.



O edificio do ginásio do Fluminense

O HIPÓDROMO DO JOCKEY CLUB

O campo de corridas de cavalos do Jockey Club Brasileiro é outro encanto visual. Amplo,



Uma das entradas do Jockey Club

O olhar fita e não cansa; a variedade é tanta, a característica tão especial que mais nos interessa a contemplação da paisagem do que o esforço galopante dos cavalos. Estou em crer que o hipódromo foi apenas um pretexto para que se pudesse contemplar e admirar mais comodamente o maravilhoso espectáculo da natureza, aqui sempre pródiga e magnificente.

No entanto o bom gosto das instalações corresponde à magestade do cenário.

São quatro as tribunas; duas destinadas ao público; uma, a mais luxuosa, reservada aos associados e a última, mais pequena, pertença dos proprietários de cavalos e pessoal inerente.

A pista tem de volta 2.500 metros, é em relva, e circundada numa segunda em terra arenosa, utilizada no inverno.

Falta-nos falar do estádio do «Vasco da Gama», moderna e grandiosa arena desportiva. Ocupará em parte a nossa próxima crónica com que completaremos estas nossas impressões brasileiras.

Rio, Julho de 1928.

SALAZAR CARREIRA.

bem delineado, com excelentes tribunas cujas coberturas são arrojadadas obras de cimento armado, lançadas como estão pelo espaço a tôda a profundidade das bancadas sem o minimo ponto de apoio, o hipódromo é, em si, uma valiosa instalação, mas o seu principal encantamento provém da sua própria situação.

Das tribunas goza-se por sôbre o campo um panorama de mágica apoteóse; numa abertura da eterna cadeia de colinas que, nos lados, vem morrer no oceano, cuja linha azulada forma, lá longe, um horizonte que se confunde na bruma e morre em tons de harmónicos cambiantes no azul mais páldio do céu, a pista encosta-se a uma lagôa de regular contorno, serena, sorridente à caricia da briza ligeira que mal lhe enrugaa a face. Nela se reflecte o círculo escuro das colinas arborizadas, e a separa-la do mar, uma delgada lingua de terra onde algumas casas alvejam e passam os vultos minúsculos dos automóveis percorrendo a estrada marginal.

Do lado oposto o cenário é contrastante; menos calma e mais vigor, menos harmonia mas mais imponência. Logo após a praça, sôbre a qual defrontam os edificios, a montanha eleva-se a pique, esmagadora e soberana. As escarpas, verde-negras de cerrado matagal arborecente, são um tapete unido, sem fallas; e lá em cima, sempre o mesmo recorte variado dos cumes, desde o planalto rectângular da Gavea, ao funil aguçado do Corcovado.

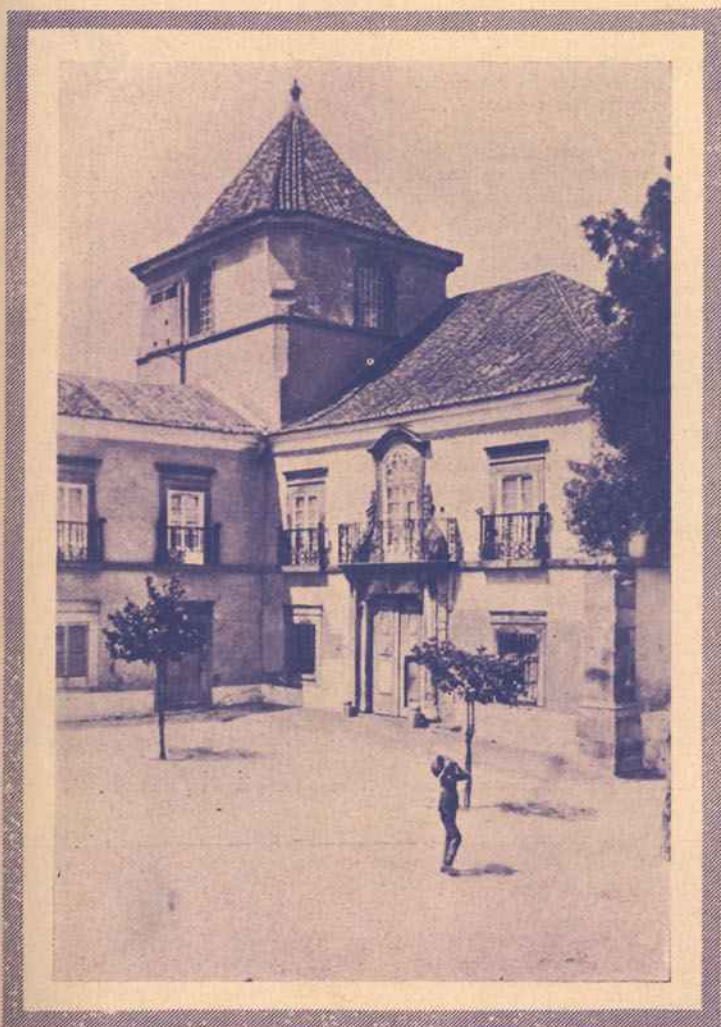


Vista geral da pista do Jockey Club

SASSETTI & C., apresentarão no Salão da "Voga" os seus pianos, auto-pianos e edições musicais artísticas

A CASA PORTUGUESA

O PALACIO AMARELO (PORTALEGRE)



MENTAL GUARNECIDA DE MAINÉIS DE MÁRMORE RICAMENTE LAVRADO. NO PATIM
LÊ-SE A SEGUINTE CURIOSA INSCRIÇÃO :

*Arrêtez; voyez doucement
Cet ouvrage riant,
Et dites dans le cœur
Si fait à son maître honneur.*

NO INTERIOR HÁ, PERFEITAMENTE CONSERVADOS, SE BEM QUE NÃO MUITO FINOS,
RICOS ESTUQUES; E UMA DAS SALAS OSTENTA AINDA INTERESSANTES SOBREPORTAS
DA PINTURA A ÓLEO E OS MOLDURAMENTOS DOIRADOS QUE OUTRORA GUARNECIAM
O FÓRRO DAS PAREDES.

(Fotos obtidas com aparelho Kodachrome autográfico)

PROPRIEDADE DO SR. DR.

SANTANA MARQUES

CONSTRUÇÃO SETECENTISTA DAS MAIS INTERESSANTES. FOI PRIMITIVAMENTE DOS ABRANÇALHAS, LIGADOS MAIS TARDE AOS MESQUITELLAS, CUJOS DOIS BRAZÕES A FACHADA AINDA OSTENTA.

É EXEMPLO COMPLETO DUMA HABITAÇÃO APALAÇADA DO SÉCULO XVIII, COMQUANTO TENHA SIDO REMODELADA SOBRE EDIFICAÇÃO ANTERIOR, COMO O ATESTAM AS JANELAS MAIS ANTIGAS QUE CONSERVAM SUAS ESPLÊNDIDAS GRADES FORJADAS.

O PITORESCO TORREÃO QUE DÁ AO EXTERIOR UMA FISIONOMIA TÃO GRACIOSA, ENCERRA A ESCADARIA MONU-



EMILIANO BARRAL



«Arrepió... (talha directa em pedra)

enfileiravam, uniformes, numa monotonia silenciosa, ao longo das salas da Exposição. As tintas e as formas dos mestres difundiam-se na habilidade dos discípulos mais ou menos aproveitados e sempre atentos aos preceitos instituídos; não bastava a consagração dos primeiros a injectar nos segundos um vislumbre de esperança. Tudo era serenidade, previsão, insipidez. Por veredas conhecidas, dobravam-se esquinas e mais esquinas sem uma nota de imprevisto. E assim se caminhava até chegar à obra de Barral. Quebrava-se o silêncio, feria-se a monotonia, havia choque de elementos descontraídos, ouvia-se o grito. A alma, sacudida de beleza, fincava pé para assistir à anunciação dum grande artista.



Estudo (Bronze)

Reportemo-nos ao século passado. Oíçamos a voz de Taine, na sua *Filosofia da Arte*, quando quer definir não importa que povo: «Não sabe esquecer as coisas sensíveis e os interesses positivos para se entregar à especulação pura, seguir as audácias da lógica, afinar as subtilzas da análise e submergir-se nas profundidades da abstracção. Desconhece as agitações da alma, as violências dos sentimentos contidos, que dão ao estilo um tom trágico e a fantasia errática; os sonhos sublimes ou deliciosos, que, por cima das vul-

garidades da vida, abrem aos olhos um novo universo».

Como estas palavras, vibrantes de actual-

Foi há dois anos, na Exposição Nacional de Belas Artes, que eu tive conhecimento da existência do escultor Emiliano Barral. As duas obras expostas, *Arrepió* e *Busto de mulher*, reproduzidas hoje nas páginas desta revista, já eram a anunciação dum grande artista. Uma recente visita ao seu «atelier» foi, para o meu espírito, a confirmação absoluta de que se tratava dum daqueles casos de divina graça a desferir vãos sóbros códigos e normas para chegar a Deus, e que o povo — tão pertinho d'Ele — no seu instinto certo de bem classificar tudo aquilo que rompe a espessa neblina da humana compreensão, deu em chamar casos de iluminados.

Naquêle ano, a presença da obra de Barral na Exposição de Belas Artes motivou uma das maiores celenmas que se teem levantado à volta do nome dum artista. Em voz de colegas, críticos e curiosos a vitória era definitiva. Surgia um novo Homem e os entusiásmos juramentavam-se para o proclamar.

Tôdas as técnicas, escolas e tendências



Emiliano Barral no seu atelier



Estátua funerária (Estudo para o monumento-túmulo a Pablo Iglésias)

pelo espírito da República — colegas, críticos e curiosos. E uma grande celebração de protesto levantou-se à volta do nome do grandioso escultor.



Barral é senhor absoluto destes cinco grandes sentidos: gosto, alma, concepção, síntese e verdade. A verdade, claro está, só revelada à compreensão da gente do outro lado, do outro lado daqueles que o filósofo francês estigmatiza num torniquete de justiça. Em face da sua obra chega-se a esta única conclusão: não há antecedentes nem conseqüentes. Antecedentes, talvez a pedra na sua mais bárbara expressão. Conseqüentes, se os houver, sem consistência; sem a consistência de diques para o rio caudaloso. O homem viu, exaltou-se, concebeu, arrojou-se ao granito, amalgamou-o com ligas dum espírito forte, e a alma brotou da medula da matéria, desbordando emoção até à epiderme. Emoção equilibrada. Nem um

lidade, são de aplicação directa a determinada casta de olhos estagnados ante as expressões sublimes da arte e sem o humano dom do deslumbramento! Se há compêndios mortos com regras fixas e conclusões estabelecidas, para que ultrapassar essas regras e ampliar essas conclusões? O recinto está marcado. Derrames de elementos psíquicos ou impulsos de altas visualidades? Anatemas de profanação. Detem-te! Há sentinelas à vista... A arte é saber, nada mais que saber; antes que *saber ver* ou *poder sentir*. Não te interpretes a ti; segue fielmente os mestres. O indivíduo, manancial de arte, é peçonhento verme que corrompe os princípios inabaláveis da colectividade. Foi este o pecado excelso de Barral, aquele ano, na Exposição Nacional de Belas Artes. O júri — a mesma fauna aqui e aí, entre a aramagem das suas curtas possibilidades artísticas — aplicou-lhe o desconchavado compasso da sua visão geométrica, ângulo mesquinho para abarcar dilatados horizontes, e despojou-o injustamente do galardão que lhe havia sido concedido



Mulher (talha directa em pedra)



Maternidade (talha directa em pedra para o mausoléu a Pablo Iglésias)

salto a mais, nem um salto a menos. O vendaval da beleza varreu todos os elementos acessórios e a obra cristalizou em *ponto de escultura*: linha e forma. Sem temas pictóricos, sem sugestões literárias. Matéria bruta em arte convertida por obra e graça dumas mãos eleitas. Observemos essa encantadora *Maternidade*. É a síntese perfeita dum tema eterno. Em linha e forma, deu-se a efusão materna; em linha e forma, conseguiu-se exprimir o instinto filial. De literatura, sugestão maravilhosa para literatos. De pintura, tema sublime para pintores. Mas, na obra, nem literatura nem pintura; o artista deixou-a em preciso *ponto escultórico*. Daí, salto directo à alma.

No *Arrepió*, que foi, como disse, repellido pelo júri da Exposição, a impressão da verdade é tal, a gracilidade infantil tão comunicativa, tão divina a pureza em corpo de criança, que a gente pasma de como em pedra, matéria dura, se pôde exprimir tão ternas sensações.

O sono de morte com exalações de eternidade na cabeça de Pablo Iglésias impressiona e obriga a um profundo respeito pela memória dum justo; a meditada concentração, em linhas de elegância e delicadeza, da *Estátua Funerária*; a violência sensual do *Busto de Mulher*; a expressão da cabeça do *Estudo em bronze*, são todas elas notáveis manifestações de valiosos recursos e vastas possibilidades estéticas.

Bis, em pávida impressão, a curiosa personalidade do escultor espanhol Emiliano Barral, artista sem medalhas nem diplomas, mas que enfileira, por méritos próprios, ao lado dos grandes mestres do seu país.



Pablo Iglésias morto (Mármore)

LENDA E HISTÓRIA

DE

SANTA
ANTONINA

DE
SEIA

Seja, pois, a Mártir daquela cidade; a lenda é de Seia, porque o nosso povo a canta assim:

«Antonina pequenina»
«De olhos grandes»
«Matarum-a idolatras»
«Feros gigantes.»

Esta lenda anda de boca em boca, suave e linda, branca e pura, como a alma do povo que a teceu.

Vem de há séculos, sempre com o mesmo encanto, com a mesma cor de saudade e amor que precedeu a sua urdidura.

Branços cabelos na contaram e em de olhos húmidos a escutei. Vem comigo vida em fora, tomando vulto, como fumo que se faz estátua marmórea, vivendo no meu pensamento, nas noites harentas ou nas de temporal defeito, como aquela em que foi supplicada a Virgem Antonina.

Na curva do ribeiro que só por enfimismo se chama rio, há um tócco pontão, por debaixo do qual teve epilogo a tragédia e foi de lá que irradiou a filigrana com que o povo teceu a lenda.

A pesar de quasi todos os cronistas darem como lugar do martírio a Lagôa da Paixão, na Serra da Estrêla, o povo que urdiu a lenda, dá-o como sucedido no rio de Seia.

Foi na época terrível de Diocleciano, Roma, a impudica, estorcia-se numa agonia de vícios, nadava numa mar de lubricidade, e o edificio enorme do Lallo, tocado pelos virtus da devassidão, ia ruir estrondosamente.

Esse povo tão forte, que absorvera o mundo, vivia os últimos momentos numa torpe bacanal. A alavanca potente do cristianismo tinha o seu fulcro no sub-solo e fazia oscilar a civilização dos deuses. A sangueira dos mártires, alastrando como um mar vermelho, por todo o império, nivelava o escravo com o senhor e a férrea guarda pretoreana, já nada segurava da velha religião. Os éditos imperiaes eram temíveis, todos os dias o povo corrupto assistia no circo ao espectáculo trágico de muitas vítimas devoradas pelas feras.

No imenso anfiteatro só se ouvia a torpe multidão gargalhar e gritar: *panem et circenses!*

Na provincia o mesmo acontecia. O governador era da confiança dos Augustos e todos os dias dava ordens severísimas aos juizes, para que a praga dos cristãos não aumentasse.

Os éditos imperiaes eram cumpridos ferozmente e ai daquelle que ousasse insultar os deuses!

Os tribunais proferiam constantes condemnações a bárbaros supplicios e todos os cristãos morriam divinizados, contentes, com o olhar em extase, como se estivessem experimentando a docura maior da vida, no despedaçar da carne, no desconjuntar dos membros.

Isto irritava sobremaneira o Governador, sobretudo quando era algum dos seus que confessava a religião do Nazareno.

Tinha este uma filha linda e bondosa, que, sempre que o pai se entregava com fereza a perseguir os cristãos, lhe implorava o perdão, banhada em lágrimas, mas elle, brutal, sanguinário, jamais cedeu aos rogos da Virgem.

Um dia, tendo conhecimento de que a filha já pertencia à seita, irritou-se e mandou que fosse trazida à sua presença, interrogando-a, ainda na esperança de que tudo seria munitira:

— Não crendo em intrigas, mandei-te chamar, no interesse de todos, para que sacrificies aos deuses.

Aquelle ente, sempre tão humilde, encarou com altivez o julgador e respondeu:

— Não posso, sou cristã!

O bárbaro tremou, dilataram-se-lhe as artérias; não podia acreditar que sua filha, que viera à luz na nobilíssima Seia, fosse cristã! E, assim, instou:

— Há-de, junto do fogo sagrado, sacrificar aos deuses lares, sob pena de te mandar vergastar por escravos.

— Não posso, sou cristã! — respondeu com firmeza varonil.

O acontecimento era demasiado grave para ser perdoado, pois tendo sido acto público o seu augusto senhor retirar-lhe-ia a confiança, caso não fosse inexoravelmente castigado.

— Seja vergastada! ordenou o governador, ainda na esperança de a demover. Mas as varas não ofendiam o seu casto corpo, o que maravilhava os circunstantes sem, contudo, abrandar a



Imagem de Santa Antonina, natural de Seia

ira paterna e então elle mandou-a submeter ao *cliphonans*. Untada de mel e leite, foi metida num vaso de madeira, a fim de que nela tivessem pasto as abelhas e moscas. Novamente o milagre a preservou: os insectos apenas picaram os executores! Neste estado, como continuasse confessando a nova fé, o Pai, melo alucinado, mandou-a lançar num pégo do rio de Seia.

Abriu-se a superfície das águas e suavemente desceu nas profundezas do abismo o corpo da Santa, sem que aquélas a cobrissem, até que um dia desapareceu.

O poço não tem fundo e ai do nadador que ouse atravessá-lo!...

A critica tem procurado arrazar a lenda e o tempo o poço, e assim é que, com as luzes do século XX, já se vê o fundo ao poço de Santa Antonina.

A lenda aí fica bebida da tradição oral. A critica nega o direito à nossa terra de ter sido o berço da Santa, porque era de Nicêa, isto sem apelação nem agravo.

Ao anoitecer, parece que o céu illumina o local sagrado com a luz da virtude, vindo-se a silhueta do Monte Arroio como que nimbada pelo diadema de Antonina. Os amieitos muito vestidos tomam atitudes de frades em procissão, a brisa faz córo com as águas pacíficas, celebrando a tragédia. Uma saudade como que cobre o local que o sangue santificado e a relva quente exala um perfume suave. Naquelle vale há quietude de meditação, como se lá pairasse a alma da Virgem.

Na igreja da antiga colegiada de Santa Maria, hoje templo formoso e bem envidado, que ao cimo da vila se ergue com imponência e beleza, guarda-se a primeira imagem da Mártir. É uma escultura trabalhada em madeira, bem proporcionada e linda, trajando a romana, faces rosadas, o olhar dóce, numa expressão de esquecimento do mundo, com a palma do martírio na mão, ela parece orar pelos seus algôes.

Depois do restauro e ampliação do templo, foi passado mandado de despejo à Santa, para a companhia do Senhor do Arco, na sacristia. Nunca o milagroso Senhor deixou de ouvir as preces dos crentes *ad pretendam pluviam* e, por mais estiado que estivesse o dia, saindo em procissão, jamais deu entrada na sua igreja, sem que chovesse!

Este abandono denota apenas ingratidão ou ignorância da tradição da *ciudad* que o rude rei conquistador tanto engrandecou, dando-lhe um foral classificado pelo Historiador — de o mais completo e liberal de quantos se deram neste país, ainda superior ao de Vizeu.

Alguns escriptores emitem a opinião de ter sido Antonina martirizada pelos sarracenos, o que está mais de harmonia com a quadra que aí fica, mas não está conforme com a versão popular.

Tenho na minha mesa de trabalho um opúsculo *Filha de Santa Antonina Mártir*, que faz luz no assunto:

Os pais de Santa Antonina eram de condição humilde, trabalhando no campo, para se sustentarem. A Virgem era muito querida dos vizinhos, pela sua caridade e virtudes.

Cêdo ficou orfã, dedicando-se ainda com mais fervor à religião em que fora educada. «Começou a aprender os ministérios em que se costumam exercitar as mulheres mais enidadas do seu bem e utilidade. E com tal satisfação se applicou ao exercicio da costura e mais diçvelhos do sexo feminino, que excedia na capacidade os milhares das suas confdiscipulas...»

Foi denunciada ao pretor, sendo em seguida presa e conduzida à presença daquelle magistrado que a increpou, por ter eviolentado os soberanos decretos.

Algemada, compareceu no tribunal e foi induzida por boas maneiras a negar a sua Fé, mas Antonina resistiu sempre, sendo maltratada.

Passado algum tempo voltou ao tribunal e ouviu ler a sua sentença de condemnação ao *cliphonans*.

Como os insectos a poupasssem foi levada para fora da cidade e lançada numa profunda lagôa (!).

O piedoso escriptor mostra ter lido Camões, pois termina assim a sua invocação:

«E se lá donde sabiste se consente alguma memoria da terra, não vos esqueçais de quem com amor ardente e ansioso busca vossa protecção para seus trabalhos.»

RUI D'ALVA.

(!) Lagôa da Paixão, na Serra da Estrêla.

LISBOA, CIDADE MARTIR...

A REJEIÇÃO DO MAGNIFICO PLANO FORESTIER E UM APELO AO SR. PRESIDENTE DO MINISTERIO



Um formoso busto do architecto-paisagista Forestier

Oh Lisboa, minha formosíssima e caluniada Lisboa!... Lisboa dos Jerónimos, da Madre de Deus... e das misérrimas sem nome das Avenidas Novas!... Lisboa que deslumbras os fulvos e civilizados viajantes de terras longínquas quando elles te contemplam das águas serenas do Tejo e os enches de riso quando constatarem no teu dorso, maravilhoso e martirizado, a obra ignara dos teus edis!... Oh cidade mártir entre as cidades do orbe, mártir dum chão fendido e historico, mártir dos homens, porém, muito mais que dos azares da natureza — como há pouco escrevem um dos meus mais queridos poetas!...

Lisboa descharacterizada, vendida, emporelhada a todo o momento pela estupidez de muitos, a má vontade duns tantos e a ignorância da grande maioria!... Quando se dispõem a embelezar-te destroem o que, por ventura, ainda possas de muito teu, e implantam inovações caftanas, pelintras, atrazadas, sem gosto nem arte; quando te querem reintegrar na tua feição primitiva não curam de fazer a prévia departição do bom e do mau, do ridiculo e do veneravel, e enchem-te de miérras estéticas, de lambechicos ignóbeis, de frustes e deslocados regionalismos que nada justifica e nada podem significar por despidos de interesse e de raízes!...

Que desventurada e misérrima cidade, esta Lisboa cheia de graça e beleza naturais, por ventura a urbs mais favorecida e dotada pela mão do Criador!

PORQUE SE REJEITOU O GRANDIOSO PROJECTO FORESTIER?

Repellido, não sabemos pela omni-scência de quem, o maravilhoso projecto de europeização dos terrenos vagos e imensos que partem do alto da Rotunda e projecto esse que um dos maiores architectos paisagistas do mundo elaborára sobre um ante-projecto dos irmãos Mac Bride e do sr. coronel Vicente de Freitas, den-se o Municipio á pressa afanosa de concluir aquillo que reputa superior ao Parque de Lisboa da autoria do sr. Forestier — o Parque Eduardo VII... Deverá ser inaugurada a cinco de

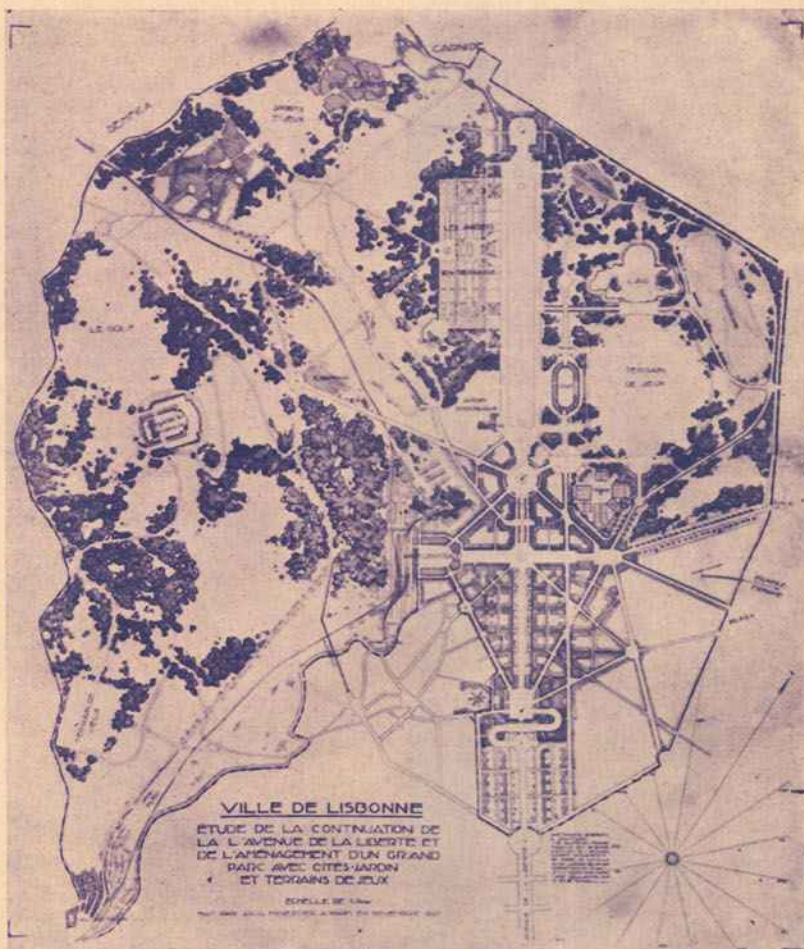
Outubro, dizem, aquella congeminção peregrina de qualquer bestunto justamente ignorado... Não se fará, pois, a europeização da parte nova da cidade... Mas, em compensação: Lisboa, a cidade mártir, ficará dotada com a fixação ad eternum, a cimento, pedregulhos e conchas, da celeberrima Feira de Agosto... Que misero falaria o desta cidade!

Fui lá ontem, na companhia de dois amigos, ver a nova maravilha com que a edilidade teima em dotar Lisboa, e foi com o mais doloroso desânimo que nós três contemplámos o parto monstruoso que se está fazendo tocar o seu termo para edificação de estrangeiros e pasmo das gentes que não-de vir!...

O MONUMENTO AO MENINO DA MATA E AO SR. CÃO PILOTO.

Por detraz de nós fica a salsada estupenda, a lenda sandice do monumento que a ignorância

nacional mandou erguer, não ao reedificador da urbe atuada por um terremoto, mas sim a um dos maiores despotas da terra lusitana. Já esse monumento seria a nossa maior vergonha estética se a vergonha tivesse cotação no mercado. Porque, pondo de parte a ideia errada e facciosa que á sua erecção presidiu, tal monumento ficará constituindo a mais picaresca amostra do nosso talento em matéria de monumentos e comemorações: aquillo é uma espécie de mercadoria aonde o cébo de Holanda está ao pé da marmelada: uma salgalhada de estilos e de motivos, com prôas de navios, mostreiros de bronze, emblemas militares, uma espécie de cabinet d'aisance na rectangular para o que der e vier, e até o Menino da Mata e o seu cão Piloto, lá no alto da grande columna, ambos a querearem vigiar a gente de que representam o grande Marquês e a alma nacional — que êle se fartou de cavalcar e encher de vergões! Grande inventiva e digna realização que, mais dignas seriam do monumento a qualquer saltarelo do Coliseu em



Terá um "stand" no Salão da "Voga" a casa GRANDE BAZAR DO PORTO, LTD., representante dos magníficos gramofones "His Master's Voice"

época de palhaçadas! Imaginem os leitores o trabalho doído e a coragem miraculosa que o terrível marquês deveria ter tido para encarrapar naquela altura toda e assentá-lo a seu lado, o felino tremendo!

Trabalho bem digno, em verdade, dum formidável domador e dos pulsos rijos duma companhia de galegos!

PROPÕE-SE UM NOME SUGESTIVO PARA O NOVO PARTO MUNICIPAL.

Mas, enfim, o mal está feito, ou quasi feito, e não vemos, realmente, maneira de impedir que o Marquês reedificador venha a ter, pesando sobre a sua memória, aquela congeminação monumental, digna do cérebro potente do Eusébio Macário... Entremos no Parque... Mas, aqui, nós que levamos os olhos cheios da beleza incontestável do plano grandioso elaborado por Forestier e rejeitado, olímpica e desdenhosamente pelo Município, pasmamos, dolorosamente confrangidos, um triste sorriso de troca a curgar-nos a face... O Barão do Rabaçal, se tivesse um palacete em Vassouras, nas terras fecundas e pecuniosas dos Brasis, não teria ideado coisa mais pelintra. Alegaram os rejeitantes do plano Forestier querer uma coisa bastante portuguesa, bem nacional. E, portanto, em vez dum Parque Nacional, que iria da Rotunda até Carmide, englobando o Jardim Zoológico, abrangendo os chapadões de Monsanto, com uma Avenida central de trezentos metros de largo, cidades-jardins, campos de jogos, uma estação monumental — enfim, uma coisa europeia, formidavelmente bela e grandiosa, com perspectivas deslumbrantes sobre a cidade velha e a cidade nova, sobre o Tejo lá ao longe e as sete colinas de Lisboa — em vez disso tudo que não teria igual no mundo em beleza e, quanto a extensão, só em Berlim encontraria no *Grünwald* um êmullo razoável, vamos ter em breve uma picaresta amostra do nosso sentido estético, à qual o sr. Raül Proença na 2.ª edição do seu *Guia de Portugal* aquiescerá a dar o nome inglês que aqui temos o prazer de propor: o *National Semicúpio's Park*.

Esperem aí um locadinho que nós explicamos já...

O PROJECTO APROVADO E AS SUAS LIGAÇÕES COM A ALFAVACA DE COBRA.

O projecto nacional que teve a tristíssima honra de vencer o do architecto paisagista Forestier, começa por desenrolar diante dos nossos olhos uma bacía sofrível, toda em cimento, e af com seu meio metro de altura. Ignoramos se, depois de cheia de água, o realisador lhe irá lá pôr uns patinhos de lousa e uns botõesinhos aonde a Enfermeia Troncha, a Felícia, o Zé Pistula e o atade de São Tiago de Faria irão esmoer o presunto com ervilhas e coser o vinho de 34... O que sabemos, e muito bem, é que, tendo nós desde tempos imemoriaes recebido como príncipes quantos estrangeiros cá puzeram os pés, todos, — desde o Duque de Châtelet até Dalrymple, Twiss e a Duquesa de Abrantes — se fartaram de nos chamar uma cambada de porcellhões que se não lavam e comemem nos macacos o encargo de se espollhar nas soleiras das portas. Sabido é, também, abundarem entre nós as afeições hemorroidarias, significativas de muita porcaria para portuguezes e bastante pecuniosas para esculapinos estudiosos da moléstia. Compreendem agora os leitores o pensamento genial do autor lusada do projecto aprovado... E será coisa altamente proveitosa para os habitantes da cidade e para os estrangeiros o lago que se está concluindo e no qual já estão enterrados bem boas centenas de contos: aquilo destinava-se muito simplesmente a pôr os lisboetas de cócoras, à borda do lago-semicúpio, tomando o calumnte que a alfavaca de cobra tornou uma autêntica panacea daquelles tristíssimos podocentes cidadãos. Vai ficar obra assediada e de asseio!... Bem fizeram, pois, os edis em rejeitar o projecto Forestier: tudo aquilo vai ficar cómodamente pequenino, como é necessário em alluções infra-abdominaes e não seria com praças de formidáveis perspectivas sobre a cidade, com avenidas de



A entrada do finaldo Passeio Público que agora, mais ou menos, se pretende resuscitar numa evocação épica daquillo que, felizmente, desapareceu

trezentos metros de largura, nem com jardins, nem com relvados de duzentos metros: não seria com cidades-jardins e parques oxigenantes dos combalidos pulmões da cidade que os lisboetas poderiam dar um quinquar nas afirmativas dos maldizentes que nos visitarão. E com semicúpios que se embeleza a urbe lisboeta, é com semicúpios que se salva o país... Viva, pois, o semicúpio nacional, vivam a alfavaca de cobra e a manteiga de cacão de que era feito o bestunto de quem elaborou o projecto aprovado!

Faremos, pois, votos para que se não rejeite o nome que aventamos: *National Semicúpio's Park*, e o qual está para o Parque como os rabanetes para as sardinhas assadas!...

HUMILDEMENTE, A «ILUSTRAÇÃO» E OS SEUS REDACTORES PROPÕEM A LGUNS GLORIOSOS ACRESCENTOS A OBRA TÃO GENIAL.

Em todo o caso, e visto o sr. Quirino da Fonseca desejar que tudo fique bem portuguezinho da costa, com ruas e labirintos de buxo, cascatinhas de pedregalhos e conchas, e uma escarria, lá ao fundo, que imite a que possuía o derruido Passeio Público, isto é, uma espécie de Nova Sintra quando lá vamos comer peixe espada frito e beber a zurrapa do Poço do Bispo, atrevo-me a propor uns imprescindíveis acrescentos a obra tão genial. Depois dum lanho — e de mais a mais tão cancativo e debilitante como é o infra-abdominal — require-se uma pândegasita de estalo. Daqui inferirmos, eu e os meus obsequiosos cicerones, a necessidade dumas tantas ou quantas barraquitas de comes-e-bebes com o belo torrejão a espumear, pratos de sardinhas assadas com pimentos e até umas farturasitas regadas a vinho branco. Olhem que o temos e de três assobios! Também não ficaria mal no Parque do Semicúpio um jogo do chiuquilho... Há já, porém, cá nesta redacção quem discorde, ou antes, vá mais longe: o director da *Illustração* pede que sngrira o seguinte: em vez do carrasco estar nas tascas do Parque, mais condizente seria uma pipa entre os varaes dum carro de bois... Oh senhores do projecto aprovado! ficava obra assediada, em verdade!

É visto agora
já termos do novo,
Avante meu poço,
E dar-lhe p'r'a frente.

como cantava o Taborda em tempos que já lá vão!...

Mas, como em ajuda sou mais exigente, proponho também por meu turno um vasto Chale das Necessidades: o que vai ficar instalado na trazeira do monumento ao Marquês, êsse

será insufficiente para as urgências dos frequentadores do Parque do Semicúpio... Que diabo! os senhores bem sabem o que são necessidades e a influencia de certas petisqueiras na cavidade gastrica!

SENHOR PRESIDENTE DO MINISTÉRIO! MANDA DITAR ABAIXO AQUELA VERGONHA NACIONAL!

Senhor coronel Vicente de Freitas, perdõe a digressão irônica e esente a humilde súplica que, em nome dos lisboetas com miolos, lhe dirige alguém que preza e defende as coisas nacionais e vê com o maior enlêvo as manifestações de extreme regionalismo. A V. Ex.ª e aos meus queridos amigos, drs. Eugénio e Alberto Macbride se deve a estada entre nós do architecto paisagista Forestier. Foi sobre o bellissimo ante-projecto por V. Ex.ª e aqueles dois amigos meus traçado, que o célebre e justamente reputado architecto elaborou o grandioso, o formosissimo projecto cuja planta aqui inserimos. Devem-se também a V. Ex.ª obras magnificas de embelezamento cidadão que ligarão para sempre ao seu nome à gratidão dos lisboetas. Não permita pois que vá por diante a vergonha sem nome que se tenta effectuar! Alega-se, para sua defeza, querer-se que elle tenha um carácter portuguez, muito novo... Patacoadá imensa, sr. ministro! Ninguém mais do que nós despreza a mutilação bárbara que sofreram os restos da cidade-velha, as expropriações estúpidas, os atentados de toda a ordem que o burgo vetusto e histórico tem sofrido por banda de quantos judeus se lembraram de modificar Lisboa. Mas uma coisa é respeitar o que existe de belo e antigo: outra é querer dar à cidade nova o aspecto europeu que ella precisa e exige. E todos os argumentos alegados contra o projecto Forestier não vão além de solertes mentiras. Alega-se que o seu custo seria enorme — quando, afinal de contas, os terrenos sobre os quaes elle assentaria são todos ou quasi todos do Estado!

Que algumas cotas estão erradas e que a Estação Monumental está fóra do sítio em que deveria estar...

Mas, sabe-o V. Ex.ª, sabe-o já toda a gente que, de balde o architecto Forestier rogou lhe enviassem os dados necessários para elaborar, definitivamente, o seu plano: êsses dados ficaram fechados a sete chaves, nunca lhe foram remetidos! E quantas coisas mais, sr. Ministro! Desde as terraplanagens até ás expropriações, como se fôsse impossivel arratjar quem, mediante pequeno beneficio, dêsse o dinheiro necessário para dotar Lisboa com uma obra verdadeiramente salutar, europeia e monumental!

Senhor Ministro! mande atulhar de pedras aquele vergonhoso Parque Nacional da Cascata! Senhor coronel Vicente de Freitas... faça ali um terremoto!

ALVARO MAIA.

AS PRAIAS EM SETEMBRO

Paradoxalmente, este é Setembro, já um pouco a querer tornar-se agreste, parece ter sido o melhor mês de praias do ano. Os grandes e pesados calores de Agosto tornando em tortura verdadeira o já clássico banho de sol, apenas permitia, nas praias do litoral português, o mais antigo e comezinho banho de água, um pouco relegado agora para plano secundário por razões... estéticas. O sol suavíssimo de Setembro, tostado maciamente a pele suave das mulheres formosas, fez com que elas viessem, mais confiadamente, ao doce far niente elegante das praias.

(Fotos «Ilustração».)



BASTOS E SILVA LTD. e **PARIS-CHIADO**, reis das novidades, malas de senhora, etc.,
apresentam-se no Salão da "Voga"

A MODA E O CINEMA



A moda, autoocrática e despótica princeza, domina mais de meio mundo visto que domina do homem, senhor da Terra, a melhor das metades... a cara-metade. O seu império é terrivelmente tirânico e para apoio tem o mais temível de todos os exércitos; uma série infinita de amazonas, qual a mais bela, tôdas armadas com o acerado carmin das unhas, garras deliciosamente manicuradas, tôdas beligerantes com os fogos fulminantes dos olhares feitiçeiros, tôdas abroqueladas detrás do escudo — bandeira da Misericórdia — da sua fraqueza... de sexo fraco. A moda, portanto, apaniguadas suas tôdas as mulheres bonitas, tem, por força, que dominar no mundo, não só sobre a metade fraca, que por direito lhe pertence, como também sobre a outra metade, a forte, composta do bicho-homem, que é o bicho mais mulherengo que dar-se pode e se péla por ser levado pelo beicinho, para tôda a parte, pelos mais absurdos e tirânicos caprichos femininos.



Raíña Moda, portanto, desde que dá leis, tôdas intangíveis, tem ne e s s i d a d e absoluta

UM CASACO RELENTO, DE SÉRIOSO VALOR E NÃO MENDIZ ELIÁN. CIA, USADO PELA GENIAL E FORMOSÍSSIMA ESTRELA AMERICANA JACQUELINE LOGAN A INTERPRÉT. DE MADRENA NO «REI DOS REIS»

de tornar públicos os seus despóticos ukases. E não é grande trabalho, porque basta que duas ou três fideis súbditas tenham conhecimento da vontade última de Dona Moda e se apressem a cumpri-la e satisfazê-la, para que logo as demais senhoras, meninas e outras variedades femininas, corram, desorientadas, atropelando-se, a satisfazer o capricho da sua raíña absoluta. Daqui provém o fenómeno de, logo que a Moda lança determinado vestido, apparecem tôdas as súbditas fideis, em ar de filarmónica, uniformisadas, com vestidos que, uns dos outros, não diferem num ponto ou numa prêga. É que tôdas tiveram conhecimento do decreto da soberana, porque o viram afixado nas páginas dum figurino ou dum jornal de modas, esquinhas em que usam ser colados tais editais. Jornais de modas há de todos os feitios e em tôdas as línguas, idiomas e dialéctos que as mulheres falam, pelos cotovelos, em todo o orbe. Há figurinos, para modistas de 3.º andar lá para os bairros de quarto alugado, jornais de modas para provincianas ridiculas e artistas de *crochet* e revistas de modas em que se rende culto à moda como à beleza, considerando-as duas formas superiores de arte. Neste caso estão algumas revistas parisienses, outras inglesas, duas ou três alemãs e até a portuguesa *Voga*, que é, vaidosamente o dizemos, a melhor e mais linda revista do género dos países de língua portuguesa e espanhola.

Ultimamente, porém, Dona Moda, soberana e caprichosa, obteve um meio de publicar os seus caprichos e torná-los conhecidos, mais universal do que o jornal, o figurino ou a revista. O cinema, êsse «esperanto» incontestado, leva a todo o mundo, com a arte e a formosura das suas veletas, os mais lindos modelos de *toilettes* por elas usados e para elas criados pelos maiores artistas da costura. Os fatos que reproduzimos dão ideia da beleza de alguns d'esses figurinos vivos, de sugestão inextinguível.

NO OVAL DE CIMA: — UMA ESTRELA DE CINEMA DE MILLE COM UM ARAPO QUE É UMA OBRA PRIMA DE ARTE DECORATIVA. — EM BAIXO: — JACQUELINE LOGAN, UMA DAS MAIS FORMOSAS ESTRELAS DE P. D. U. C., COM PRECIOSO CHAPELINO DE OUTONO E INOSTRINO NA MODA DE FLOREAR AS BELAS PESSOAS COM ROSAS DE VELUDO E LAMÉ

SIMÕES & C.ª LTD.ª, a maior fábrica de malhas finas da península, exporá no Salão da "Voga" os seus incomparáveis produtos



Livros e Escritores

Salvo no que importa à meteorologia, visto que os ares soprados dali, quando irrosos, fazem ainda e sempre empalidecer os nossos marcantes.—Esse velho e molino rifaio, de Espanhas nem bom vento nem bom casamento, nascido pela certa numma era em que os dois povos ibéricos se olhavam de esguelha, apparece-nos hoje como vazio de significado e senso, mórmente quando, com o valor de símbolo, pretende abarcar tudo quanto essa banda da península nos envia.

Já mesmo em matéria matrimonial não são poucos os exemplos de felicidade obtida em tálamos lusocastelhanos que desmentem o desbotado prolóquio; e se daí passarmos a outros aspectos das relações e conjunções das duas greis vizinhas, análoga e consoladora impressão se colherá. Portugal e Espanha entendem-se hoje a primor.

Cada um em seu solar, as duas nações não somente se saúdam de franco rosto e com palavras de medida cortesia, como também sinceramente, do fundo da alma e da intelligência, se bem-querem, com o bem-querer de irmãs.

Rasão nos sobeja, pois, para seguirmos com muito intrêsse a vida literária espanhola, assim pagando na mesma moeda o carinhoso acolhimento que as letras portuguezas estão fruindo já há tempos do outro lado da fronteira. E este nosso intrêsse tampouco deve circunscrever-se aos mais altos valores, áqueles que ascenderam já aos cumes da consagração.

Dos novos, dos que chegam agora ao sopé da montanha e começam, cheios de fé, a escallá-la, também é nosso dever falar, referindo com simpatia e justiça as suas obras.

Está em tais casos D. Miguel Capella, que teve a gentileza de nos ofertar o volume *De Rex Publica* (memórias de um burocrata), pelos autos e vistos sua estreia. Estreia feliz, diga-se já. Com leve traço caricatural, que lhe accentua, como é função da caricatura, os defeitos, é-nos dado nestas páginas o flagrante perfil do funcionário público peninsular, para não dizer latino. Voluntário escravo da rotina, passando a existência encaufado nos seus hábitos como a aranha na teia, dezenas de annos a fio, até a reforma ou a morte lhe arrancarem da mão a pena, remoendo os mesmos chavões do emprego, pobre Sísifo do papel de officio, que entre a vida verdadeira e hígida e forte e águila que lhe arrasta vê de continuo condensar-se como que uma grossa chapa de vidro, que mal deixa passarem o ar e a luz do sol, a mediocridade pesa em seus ombros com o peso duma multidão. Seu destino, seu carácter, estão bem expressos nestas próprias palavras da obra: «El oficinista es siempre viejo; su vivir es lento y absurdo como la marcha de los expedientes administrativos; su espíritu rígido y rutinario, como las fórmulas de las instancias, le pone frente a la vida cual un rollo de papel de barba, con toda la falsa seriedad y orgullo del ritualismo oficial exteriormente, y por dentro, como los legajos de los archivos, mancha de magre y polvo y huele a cosa

usada.» O retrato é exacto, sem excluir uma única feição. Teinha é o nome de Inocente González del Bierzo, que é como o autor baptizou o herói da sua curiosa novela, quer se chame doutra qualquer maneira, á espanhola ou á portuguesa, o tipo clássico do burocrata.



D. Miguel Capella

cá ou lá, é este, sem tirar nem pôr. E por isso, ao findarmos a leitura do *De Rex Publica*, nos veio á idéa ser muito possível ter querido o autor, D. Miguel Capella, esconder nesta narrativa amena e temperada de indulgente ironia, uma verdadeira sátira á psicologia de certos povos que, pela sua passividade e pelo fanático apêgo ás cediças fórmulas, fazem, no grande concerto das nações, o grotesco papel de amannenses: diante d'elles, diante da sordida banca onde se amesandam, há também como que uma enorme e grossa chapa de vidro, que lhes intercepta o ar puro e a tonificante luz solar. E o tempo rola, e os outros povos progredem, enquanto aquelles, agarrados á mediocridade e aos seus fundilhos róticos, se julgam felizes!...

O sr. coronel Mário de Campos, publicista que muito se tem distinguido quer na literatura militar quer em trabalhos de divulgação histórica e geográfica, teve agora o prazer e a honra de ver mais uma vez trasladado para lingua estranha um dos seus valiosos trabalhos: *Portugal na Quadrelha Flamenga*. Em elegante plaqueta saída da officina gráfica que, em Bruxelas, trabalha para as majestades belgas, acabamos de ler uma primorosa tradução da segunda parte do aludido trabalho do sr. Mário de Campos, aqui apresentado como *separata de La Revue Belge* e sob o título de *Le Portugal et la Flandre*.

Compreende-se, aliás, a atenção especial despertada na Bélgica por esse estudo: é applicado, no trecho agora traduzido e arquivado na plaqueta em questão, a historiar as relações estreitas e de variado carácter estabelecidas desde longa data, logo mesmo a partir da era da nossa fundação nacional, entre portuguezes e flamengos. Com dados precisos, que revelam profundos conhecimentos no assunto, o sr. Mário de Campos aí traça um quadro completo dessas relações, quadro que tanto têm de nobilitante, sob o ponto de vista colonizador, para o povo belga como para o nosso.

A tradução de *Le Portugal et la Flandre*—só nos resta registar aqui esse pormenor, obtido, porém, por via particular, visto o seu autor, movido por invulgar modéstia, não ter querido denunciar seu nome na plaqueta—deve-se ao sr. Victor Orban, digno vice-cônsul de Portugal em Bruxelas, que assim den subida e intelligente prova do seu amor ás nossas letras.

Se o teatro em geral atravessa hoje uma crise, o teatro histórico há muito tempo que entrou nela, havendo mesmo quem o declare incompatível com o espirito da época hodierna. Não é dessa opinião o sr. Luna de Oliveira, que o continua a cultivar, pondo ao serviço d'ele as suas mais brilhantes aptidões literárias. A sua última peça do género, agora arquivada em volume e já levada á scena, chama-se o *Injante Santo*. Ajustando-se tanto quanto lhe foi possível ao que a história nos diz dessa inclita figura de D. Fernando, que por amor da pátria se deixou morrer em Fez, prisioneiro da moirama, o sr. Luna de Oliveira construiu cinco actos de intensa vibração dramática, a qual se nos communica no decorrer da leitura. Literariamente, a obra impõe-se, pelo recorte do verso que só de raro em raro é frouxo. A edição, além do texto da tragédia, contém quatro *maquettes* de scenários.

Na terra dos Gregórios é o título duma novela humorística firmada pelo sr. Gregório Cascalheira, autor que já nos dera, como estreia, alguns versos inspirados. Na sua obra de agora, sem grandes pretensões e onde o que há pior é o prefácio, que proclama a insubordinação contra a gramática, faz-se a caricatura, por vezes muito feliz, da noção cándida que muita gente conserva a respeito dos costumes provincianos. Teodorico, herói da novela, satisfazendo uma sua ambição antiga, libera-se da cidade barulhenta e pestilente de intrigas e de malícia, e vai a caminho dum aldeola, onde antevê a doce



Coronel Mário de Campos

peiz e a sinceridade dos affectos. Desilusão tremenda a espera, porém: a provincia, contra as lisongueiras côres com que a pintou Júlio Denis, está ainda mais ingada de maldade e de fraudes do que a própria cidade. A prosa da novela é correntia, sendo a observação certa na maioria dos episódios que formam a acção.

C. DE F.

CONVICTA DE QUE É DEVER SEU CONTRIBUIR PARA O INTER-CÂMBIO DAS DEAS LITERATURAS, A ILUSTRAÇÃO PARA REFERÊNCIAS NESTAS CRÔNICAS AOS LIVROS ESPANHOLS QUE PARA O EFEITO LHE SEJAM ENVIADOS, FONDOS-OS EM PÉ DE IGUALDADE COM OS DE AUTORIA PORTUGUESA.

Os mais luxuosos modelos de calçado a expôr no Salão da "Voga" serão os da SOCIEDADE INDUSTRIAL DE CALÇADO ÉLITE, rei dos sapateiros

ALGUNS PROSADORES ...

Não há nada mais difícil do que dar a a visão de conjunto duma literatura contemporânea, sobretudo se essa literatura for a do nosso próprio país e nós estivermos sujeitos, portanto, a sofrer a influência das simpatias ou das antipatias que nos inspiram os escritores. Poderão dizer-me que não é um crítico aquele que assim perturba a serenidade dos seus julgamentos e por causa de questões pessoais quebra a imparcialidade que os críticos devem manter. Eu não creio que haja, porém, nenhum homem alheio, em absoluto, à impressão que o autor, quando conhecido, produz em quem o lê e, consequentemente, em quem faz a crítica da sua obra. Sainte-Beuve, que é o mestre supremo da crítica literária, não ponde fugir a essa fraqueza, a essa inferioridade, se quiserem, mas inferioridade de que ninguém, por mais superior que seja, pode fugir.

Já não quero falar, porém, da influência que, mesmo quanto aos mortos e aos estrangeiros, pode ter, no amor por uma obra, o conhecimento da vida, do carácter e da alma do artista. A própria obra, isto é, o espírito que anima um livro, a ideia que ele defende, a feição do seu protagonista e, mesmo, de todos os seus personagens, até o estilo, a maneira, enfim, como o livro está escrito, pode ser ou não do nosso agrado e influir nos juízos que fizermos. Poderão dizer-me, ainda, que é um mau crítico esse que julga conforme as suas preferências e não, apenas, de acordo com o critério do valor, da beleza e da perfeição das obras de arte. Torno a repetir, porém, que não acredito na existência dum homem que, na apreciação dos livros ou seja do que for, não se deixe seduzir pelo que é do seu gosto, não se revolte contra o que incomoda a sua sensibilidade ou não fique indiferente perante o que não diz nada ao seu espírito, ao seu coração e, mesmo, ao seu temperamento. Bem sei que a admiração deve ser uma coisa distinta da simpatia, e não sei eu, que admiro tantas coisas alheias ou adversas do meu pensamento e da minha maneira de ser, quem negue o valor por não gostar duma obra e, muito menos, do seu autor. Limite-me, simplesmente, a dizer que não posso libertar-me dos sentimentos e das paixões do homem social e do homem físico, ao exercer a actividade dum homem pensante, isto é, nas manifestações da minha razão e embora eu procure fugir ao facciosismo e à intolerância do tempo em que, orgulhosamente, proclamava o meu dogmatismo.

Vem isto a propósito da necessidade de completar o quadro da literatura portuguesa actual, quanto aos prosadores, como fiz com os poetas líricos. Como aconteceu com estes, foi um livro acabado de aparecer que me deu o pretexto de que precisava para falar. Den-me esse pretexto desta vez, a *Sylvia de Arte* de João Barreira, a propósito do qual eu quero dizer algumas palavras sobre a prosa

portuguesa do nosso tempo, ou melhor, sobre a espécie de prosa de que este livro é um exemplo e uma das mais perfeitas realizações. Com efeito, a prosa dum Raúl Brandão ou dum Aquilino Ribeiro, por exemplo, pode ser, como é, formosa, ou deixar de o ser, porque isso não tem importância comparável com o grande, o profundo valor humano dos suas obras. O que nesses dois criadores de vida, como em todos os verdadeiros romancistas, nos importa é a humanidade das suas figuras. Ninguém se lembra de procurar em Balzac ou em Stendhal as belezas do estilo e, se é certo que Flaubert escreveu maravilhosamente bem, com uma perfeição absoluta, repare-se que ele procurava a simplicidade e que, de resto, a sua forma nos deixa indiferentes perante o interesse que nos despertam os tipos criados por ele. O fracasso dos Goncourt deve-se à preocupação que eles tinham de escrever artisticamente, da mesma maneira que estes romancistas modernos, um Giraudoux, um Morand, um Delteil, não de morrer, quando passar a moda, por causa das imagens que sobre-carregam os seus livros, falseiam a vida e tornam difícil a leitura. A prosa a que me quero referir não é, pois, a dos romancistas, nem, muito menos, a dos filósofos, a dos historiadores ou a dos ensaístas. Essa prosa, que têm como finalidade criar emoções estéticas, encontra a sua expressão nas crónicas de viagem, nas evocações de coisas de arte, nos contos de assunto simbólico, em todos os géneros próximos da poesia, em todas as formas de efeito pictórico ou de poder musical.

Ora eu creio que existe, em nossa literatura contemporânea, uma verdadeira linhagem de prosadores deste feitio; linhagem que temos que fiar, evidentemente, em Fialho, e da qual devemos citar, pelo menos, António Patrício, João Barreira, Justino de Montalvão e Teixeira Gomes. Era esse o grupo de escritores de que, ao mostrar ao Brasil *A verdadeira literatura portuguesa*, citei, como exemplo, Severo Portela. Parece-me, no entanto, que os dois que melhor cabem dentro da classificação de escritores de arte são o autor do *Agosto azul* e este João Barreira, de que eu conhecia umas *Gouaches*, interessantíssimas mas de velha data, e agora ressurge e me surpreende com o mosaico deste novo livro de poemas em prosa. Bem sei que a ironia e, mesmo, a intenção caricatural introduzem na obra de Teixeira Gomes elementos estranhos à poesia das descrições e à fantasia das páginas de evocação em que é mestre, da mesma forma que João Barreira procura dar, por vezes, uma finalidade social às manifestações admiráveis da sua arte de escrever. São exemplos do que afirmo, no caso de João Barreira, os capítulos deste seu livro em que estuda *A estética das cidades*, *A arte nos hospitais*, *A nossa casa*, os *Museus de arte rús-*

lica, *A lição do passado*, e faz *Variações sobre a cerâmica*. Eu penso, porém, que o artista, ou antes, a qualidade da sua prosa encontra-se melhor na segunda parte do livro, aquela em que os temas alegóricos se prestam mais ao ritmo do estilo. Há, pelo menos, mais harmonia, entre a forma e os motivos, nos *Três monumentos de Portugal*, nos *Velhos bairros*, *avenidas novas*, *Na toca do oleiro*, em *A gazela azul*, na *Villa morta* e, sobretudo, no *Ciclo das estátuas*, dum alto simbolismo.

Deixando este autor e vindo cá mais para deante, para as gerações que se seguiram à de João Barreira e precederam imediatamente aquela a que pertença, dois ou três nomes devo citar, não só porque eles merecem a consideração literária dos críticos, mas porque lhes devo alguma coisa. Quero referir-me a Luís da Câmara Reis, a Luís de Almeida Braga, a Nuno Simões e a Veiga Simões; só agora reparando que, todos, a política afastou, mais ou menos, da literatura. Não é, porém, das suas obras que quero falar, mas da acção que, juntamente com os outros, mais velhos, que citei, eles exerceram sobre mim e, posso dizê-lo, sobre quasi todos os escritores da minha idade. É que, antes de termos tomado contacto directo com as suas obras, foi por intermédio desses escritores portugueses que nós sofremos a influência dos mestres estrangeiros que formaram a nossa sensibilidade ou a nossa inteligência: Wilde, Anatole, Pierre Louys, Rodenbach, Maeterlinck, D'Annunzio. É claro que, depois, à medida que cada um se foi individualizando, procurámos outras orientações, ou seja, novos mestres. Eu, por exemplo, deixei esses grandes artistas para procurar, primeiro, em Loti, o sentimento amoroso e nostálgico do viajante; depois, em Barrès, a cultura da personalidade, um alto lirismo e uma doutrina nacionalista; agora, finalmente, em Romain Rolland e em Georges Duhamel, a comunhão do sofrimento humano e dolorosa grandeza dos homens. Isso não deve, no entanto, fazer-nos esquecer o que aquêles sugestionadores de beleza representaram para a nossa juventude. Seria injustiça, também, não dizer o que os livros: *Serão inquieto*, *Destinos*, *Cartas sem moral nenhuma*, *Contos de Março*, *Pão alheio*, *Águas mortas* e *Elegia da Lenda* fizeram para nos revelar a forma de arte dos mestres lá de fora a que aludi, ou melhor, a atmosfera das suas obras. Como olvidar, por exemplo, que, antes de conhecer as obras de D'Annunzio, já Veiga Simões, através duma *Ode* em prosa, esquecida nas páginas duma revista de Coimbra, nos fizera pressentir o mundo da beleza e de exaltação patriótica em que o poeta dos *Laudi* nos havia de lançar? Sim, como havemos de esquecê-lo?

JOSÉ OSÓRIO DE OLIVEIRA.

Mulheres...

Por Ignez
Ilustrações de Stuart

Numa salinha estilo japonês, vermelho e ouro. Almofadas em profusão. Sobre a mesa ao centro, numa jarra chinesa, um molho de rosas brancas.

SUSANA — 24 anos, branca, cabelos negros, grandes olhos escuros. Muito fresca, muito bonita, deliciosamente vestida.

MARILIA — 30 anos. Loira, olhos azuis, incontestavelmente bonita, mas duma beleza fria, de estalua.

Conversam.

Susana, agitada, nervosa, conta confidencialmente qualquer coisa grave à sua amiga, que a escuta admirada e surpresa.

MARILIA, interrompendo-a
• indignada:

— Não, Susana, tu não farás isso! Tu não podes assim deixar o teu marido, que te estima com tanta sinceridade, que tem por ti o mesmo amor que há sete anos, quando vocês casaram!

SUSANA

— Ele tem-me uma boa amizade, nada mais! E eu não posso viver sem amor, sem um grande amor que me encha a vida, violento, profundo, imenso como o infinito!...

MARILIA

— E julgas talvez ter encontrado agora esse amor! Essa paixão, nesse homem já gasto e que podia ser teu pai! Que loucura! Pois não vês que ele só te quer para sua amante, e se tu amanhã deixasses a tua casa e o teu marido e lhe desses a tua vida inteira, ele ir-se-ia embora, com todos vão, por não querer responsabilidades, por egoísmo, e quem sabe, por não gostar de ti.

SUSANA, com violência:

— Ele adora-me!
É tão inteligente, tão insinuante, tem um não sei quê que me atrai, que me perturba. Quando me fala, a sua voz abafada, velada, tem carícias perturbantes.
Sinto que me beija, sem os seus lábios me tocarem. Se os meus olhos se perdem nos

seus, sinto o coração bater doidamente e, se ele naquele instante me tomasse nos braços, dar-me-ia toda, sem hesitar, sem remorsos, sem pensar em nada, nem em ninguém.

MARILIA, lentamente:

— E se o Sérgio entrasse nesse instante? Pobre rapaz, que desgosto horrível havia de sentir!

SUSANA

— Talvez; mas ele é bastante frio, bastante senhor de si, para se dominar e descançar, não seria capaz de me fazer mal. Con-

tentava-se em mandar-me embora, friamente... com a maior simplicidade...

MARILIA, com tristeza:

— Estás sendo injusta e terrivelmente má!

SUSANA, com amargura:

— Mas tu não vês como ele é reservado? Não vês aquele sorriso que me irrita e que ele trás sempre como um desafio, com um ar de dominador triunfante?!

Nunca foi capaz de me dizer uma palavra de amor. Nunca o vi rendido, perdido de



Susana, nervosa... agitada...

SASSETTI & C., apresentarão no Salão da "Voga" os seus pianos, auto-pianos e edições musicais artísticas

ILUSTRAÇÃO

amor por mim. Nunca me desejou ardentemente e nunca teve receio de me perder!...

MARILIA

— Mas tu estás doida!

Perder-te porquê, se tu és dèle, se és a sua mulher?!...

SUSANA, triste:

— Sim, sou a sua mulher, nada mais! Sou uma estranha na sua vida. Pode estar triste, ter um desgosto e nada me diz!

E, depois não lê, não sabe conversar, não me diz nada do que eu gosto; nem eu sei como gostei tanto dele!

Se tu soubesses as coisas lindas que o outro me diz!...



Vou contar-te um sonho horrível!...

MARILIA, num gesto de indiferença:

— As mesmas que diz a tôdas as mulheres. Conheço-o bem. É realmente interessante, mas põe a sua inteligência ao serviço da sua imaginação depravada e com ela e com as tais frases bonitas tem transtornado a cabeça sei lá a quantas mulheres! Depois de saciado o capricho, depois de as ver a seus pés, afasta-se altivo, como um grande senhor se afasta das escravas que o encham de tédio.

Que lhe importam as lágrimas, o sofrimento delas? Já o não interessam, o resto é-lhe indiferente.

E é por um homem destes que tu queres deixar o teu marido!

SUSANA

— Mas se éle não me tem amor!

MARILIA

— Tem sim, mas talvez o não saiba dizer. Enfim, já não gostas dèle e achas-lhe todos os defeitos.

Decididamente, o que pensas fazer?

SUSANA, num gesto de desânimo:

— Não sei, ando com a cabeça perdida. Olha, às vezes, desceria morrer!...

(Sérgio entrando sorridente, pára, ouvindo a ultima frase. É alto, interessante, distinto. Nas fontes o cabelo começa a embranquecer).

SÉRGIO

— Então a minha Boneca está hoje nos seus dias trágicos? (Falando a Marília). Nem você, Marília, conseguiu tirar-lhe os diabinhos que ela traz sempre a saltitar naquela cabeceira?

(Sorrindo sempre). Então o caso é mais grave! Anda cá, senta-te aqui junto de mim e conta-me esse grande desgosto...

SUSANA

— Vês, lá estás tu a rir!

Não há meio de me tomares a sério e um dia é muito possível que te arrependas, quando já não houver remédio!

SÉRGIO

Mas que mania a tua, de queres que eu chore, que arranje uns ares trágicos de Otelo!

SUSANA, amuada:

— Olha, o que eu quero é que me deixes!

MARILIA, levantando-se:

— Tenho de ir com as Mexias ao chá do Palace. São horas. Vou-me embora, mas vocês tenham juízo. (Baixa a Susana). E tu vê lá o que fazes.

Susana, depois de acompanhar a amiga, senta-se maquinalmente no divão. Sérgio, sem ela o sentir, aproxima-se e dá-lhe um beijo.

SUSANA, fingindo repetir-lo:

— Deixa-me!

SÉRGIO, pegando-lhe ao colo senta-se com ela nos joelhos, olha-a com ternura e diz-lhe:

— Vou contar-te um sonho horrível que tive esta noite. Imagina que sonhei que tu me tinhas fugido!

SUSANA

— Havia de te importar muito com isso!

SÉRGIO, sério:

— Má! Então eu podia lá viver sem ti! Podia lá passar sem a minha pequenina, sem a minha Boneca de que gosto tanto!

SUSANA, satisfeita e admirada:

— Estranho-te hoje. Nunca me dizes que gostas de mim! Mas... e o sonho?

SÉRGIO, afagando-a:

— Já te disse: Tu tinhas-me deixado e eu sofri tanto, que quis morrer!

SUSANA, com assombro:

— Tu?!...

...Ah! sim. Mas era em sonhos...

SÉRGIO, continuando:

— Olha, às vezes lembro-me da primeira vez que te vi. Levavas um vestido cinzento, recordas-te?

Éras tão pequenina, tão creança! Dezasseis anos! Meses depois, casámo-nos e desde então, nunca deixei de gostar de ti, de pensar em ti.

Quando estou longe, só tenho um desejo: vir para os teus braços.

SUSANA, comovida:

— Mas o que tens tu hoje? Porque só hoje me dizes isso?

SÉRGIO

— Não sei. Foi talvez do sonho. Pareço frio, reservado e tenho tanta pena de assim ser!

Sinto imenso e não sei dizer o que sinto. Men amor, se tu soubesses o que sofro, quando penso que já não gostas de mim como dantes! (Com ansiedade). Deixa-me ver nos teus olhos se ainda és muito minha.

SUSANA, os olhos cheios de lágrimas, com sinceridade, muito baixinho:

— Amo-te!...

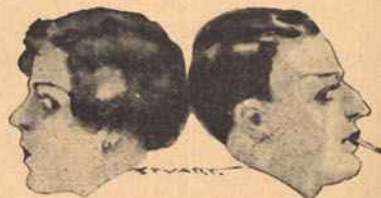
SÉRGIO, cingindo-a nos braços, com entusiasmo, com violência:

— És minha, toda minha, bem o sinto, e eu quero-te, desejo-te mais, muito mais que no primeiro dia!...

Lá fóra, a tarde, docemente, esmorecia. As rosas brancas, como pálidas monjas entristecidas, pendiam para o chão.

Pela janela entreaberta, um ultimo raio de sol veio poalhar de oiro os cabelos negros de Susana!...

F I M



As Companhias Reunidas Gás e Electricidade terão no Salão da "Voga" uma maravilhosa cozinha-ideal eléctrica

TEODÓSIO CABRAL

CAÇADOR DE ELEFANTES

Um caçador de elefantes não é um homem banal. R. Teodósio Cabral não é um caçador de elefantes banal.

Quando pela primeira vez me falaram dele tive a impressão dum homem, física e psiquicamente dotado para fazer a vida árdua de caçador de elefantes, um homem brutalizado por uma profissão violenta, interessante possivelmente na acção de caçar e na luta incerta com as feras, mas, naturalmente, um dos muitos cafres brancos que a vida sertaneja de África cria com as suas enormes faculdades de regressão.

É verdade também que nesse tempo eu apenas sabia sobre a caça dos elefantes o que a fantasia muito fantástica dalguns caçadores escritores tem escrito para regalo das imaginações irrequietas de europeus tartarinescos.

Uns dias depois soube que Teodósio Cabral tinha regressado da sua estação de caça — uma espécie de regresso ao Mundo, após seis meses de isolamento em lonjuras misteriosas, sem contacto com gente branca, afastado algumas centenas de quilómetros dos povoados e dos caminhos.

É a minha impressão confirmava-se: homem evidentemente cafrealizado, incapaz mesmo de sentir o que a sua condição tem de mais belo — a liberdade ampla, enorme, generosa, que nenhum homem da Europa pode supor nos seus sonhos libertários, e a certeza de que para a gozar apenas de si pode dispor e consigo pode contar!

É quando um dia o conheci — encontrei um gentleman!

Realmente Teodósio Cabral não é um banal caçador de elefantes!

Com 35 anos, caçando como profissional desde os vinte, uma robustez excepcional, constituída para a acção, toda ofensiva, uma serenidade saxónica num espírito profundamente meridional, dispõe largamente de todos os recursos físicos indispensáveis a um grande caçador.

Mas o que na sua individualidade surpreende e parece incompreensível, é a sua cultura, o seu apuro moral, o seu espírito profundamente europeu.

Teodósio Cabral, no dia em que regressa ao Lubango, depois de seis meses de mata, pôde envolver o *smoking*, tomar um lugar de luxo num paquete da Europa, e ninguém dirá que sob a elegância do *gentleman* e a sensibilidade do homem, se encontra um caçador profissional de elefantes.

Caçar elefantes para um caçador da tempera deste homem, é uma profissão cheia de beleza, de atrações impressionantes e de seducções absorventes.

A liberdade de acção, a variedade das emoções, o equilíbrio constante entre um sistema nervoso que sabe comandar e uma organização muscular que sabe obedecer, as confidências da floresta, o sentimento de soberania que resulta dum sentimento da própria força, o perigo que faz a vida mais vibrante e os sentidos mais nobres, o orgulho de confiar-se serenamente a si próprio, o prazer dum triunfo que todos os dias se renova, após as angústias duma luta que todos os dias é incerta, o gósto mental de descobrir o que os outros homens ainda não descobriram e verificar o que a maioria apenas sabe de leitura, são as compensações recebidas com usura pelo homem que troca o conforto convencional dos civilizados pela asperosa encantadora da selva.

É assim, a raça do elefante, que para um homem local, é, no seu melhor aspecto, um bom negócio, para um homem como Teodósio, que sabe vivê-la com a sua sensibilidade, o seu espírito e os seus mistérios, é uma vida cheia de irresistíveis encantamentos. O elefante é o verdadeiro rei das selvas — o único animal que

percorre os matos traiçoeiros da África, em plena serenidade, sem carecer de emboscar-se para caçar, sem precisar esconder-se para fugir. Até pela inteligência é o mais nobre dos animais que a criação irracional conhece.

Caçá-lo brutalmente, como um caçador negociante, sem chispa de cultura nem raspa de sensibilidade, é humilhante para ambos; o elefante merece realmente ser caçado por um homem como Teodósio, que o compreende e o estuda, num combate cujo resultado se apresentará sempre com honra para ambas as partes.

Teodósio Cabral caça todas as espécies de caça grossa do Sul de Angola, desde o leão ao avestruz, desde a girafa ao rinoceronte — mas é o elefante a fera que o seduz e o honra, o animal que o apaixonava e lisonjeia. É o mais perigoso,



Teodósio Cabral

o mais inteligente, é mesmo, pelos seus costumes bizarros, pelo mistério que ainda envolve uma grande parte dos seus hábitos, o mais curioso para um caçador intelectual.

A realza do leão é uma convenção europeia, a sua fama deve-a ele muito mais aos artistas do que a si próprio. É uma fera nobre, imponente, aristocrata de raça no mundo das selvas, com um lugar próprio e bem definido entre os demais, mas um lugar que não é aquele que os homens lhe atribuíram e que os esculptores consagraram nas penultimas de todas as estatuas de todos os homens fortes.

Da realza em que os homens o investiram, só o elefante, de facto a dispõe. Simplesmente o elefante não apareceu nos circos de Roma nem teve em La Fontaine que lhe contasse as aventuras.

O rei dos animais, por graça dos homens, nunca se atreveria a ir beber água na margem de certos rios, porque seria singelamente engolido pelo jacaré, que não é príncipe nem mesmo

aristocrata; não teria o arrojo de se aproximar dum rinoceronte; fugiria como o mais inexpressivo dos plebeus se no caminho encontrasse o verdadeiro rei — o rei por direito de força, de razão e de conquista — o elefante!

Teodósio, que conhece e estuda as vidas do mata e que na sua alma de caçador traz um pedaço da alma de Lineu, naturalmente, por nobreza de raça, por orgulho de homem forte, por interesse de estudioso, escolheu o elefante como peça predileta.

O elefante é o animal que ele procura — os outros são os animais que ele encontra.

Fotografiar o homem e a fera — mau cliché do men banal «Kodak» — Vejamos se o posso filmar, movimentá-lo, apresentá-lo em plena acção, num dinamismo que corresponda a esta apresentação estática.

Por volta do mês de Maio, quando começa a estação seca e têm amansado os grandes calores africanos, o caçador atrela as espaldas aos seus carros boers, reúne os serviços que o hão de acompanhar — o cosinheiro, os boieiros, os tratadores dos cavalos e das armas, os serviços de caça e o seu caçador, um negro interessante de barbicha esfiampada, que lhe é inmensamente dedicado e que põe uma argola de unha de elefante no braço por cada um que vê matar.

É quando tudo está a postos, homens, armas e mantimentos, abraça os filhos, monta a cavallo e lá vai para a grande aventura, que é, ao mesmo tempo, a sua paixão e o seu modo de vida.

Só voltará seis meses depois. E até lá, nem ele sabe do Mundo, nem ninguém no Mundo sabe onde ele está.

Os primeiros dias são monótonos; é a violação lenta e trabalhosa daquelas matas intermináveis, de paisagem sempre igual e sons enlanguescidos; é a marcha vagarosa, sem incidentes nem compensações, a desbravar obstáculos quezilentos, a ouvir as detonações do chicote boer e as ásperas imprecações do boieiro. O espírito vai desocupado e transvia-se. Lembra os filhos que ficaram, a incerteza da aventura, reflecte por vezes o Sancho Pança que fielmente acompanha todos os corpos em que pulsa também um ponco do coração de D. Quixote.

Só ao amotecer, quando tudo são sombras recolhidas e a calma ambiente nos contagia duma serenidade grandiosa, se abeira das almas a primeira noção desse sentimento de liberdade que raros homens veem a conhecer completamente.

Alguns dias depois há algumas centenas de quilómetros percorridos. É a aventura começa.

O elefante do sul de Angola, o mais difícil e feróz dos elefantes africanos, vive como todos os grandes animais selvagens a grandes distâncias dos lugares povoados.

Tem hábitos regulares mas não tem habitação regular. É um nómade que faz passeios tranquilos de muitas dezenas de quilómetros por dia; umas vezes em busca de água e de pastos apertados, outras vezes talvez por necessidade de retocar os seus instintos vagabundos de turista.

Sem água, pode passar três dias sem beber; nos lugares em que a água abunda e que lhe dá preferência procura, não resiste ao prazer de banhar-se todos os dias.

Passa as noites nos atoleiros dos rios ou nas cachimbas naturais de certas *malotas*, a banhar-se numa tina de lodo que lhe mesmo constrói e, sobretudo, a cobrir-se duma camada espessa de barro que o proteja das ferroadas dos insectos.

Aquela animal portento, recordação viva dos monstros ante-diluvianos, que tem uma pele com quatro centímetros de espessura, é duma sensibilidade de mulher. A mais pequena di-

FRIGIDAIRE, o magnífico frigorífico-conservador, estará em lugar de destaque, trabalhando, no Salão da "Voga"

moscas incomoda-o, irrita-o, obriga-o à inquietação de movimentos em que constantemente, mesmo durante o sono, se encontra.

Ao romper do dia abandona o balneário e segue numa marcha fantasiosa de vagabundo, através das matas tenras, das chapadas frescas, a pastar, deitando a tromba a tudo o que topa — os grandes, solenes e graves, os pequenos retonçantes, as mães vigilantes.

Pelas nove horas, quando o sol já vai alto e o calor começa a morder, entram nas matas cerradas, uns grandes pontos de sombras confortáveis e densos mistérios, onde dormem até à tarde, ao pôr do sol.

No caminho que percorreram ficou a razia, a devastação: árvores derrubadas, troncos partidos, as enormes marcas de pégadas, uma cilindragem de cilindros a rolar caprichosamente.

Teodósio Cabral caça o elefante a cavalo. Ou o vai surpreender nas noites de luar nos bebedouros, ou vai procurar nas profundidades das matas cerradas, à hora em que dormem.

Ele conhece todos os seus hábitos e sabe ler no aspecto dos seus rastos todas as informações que lhe importam. Cada pégada é uma frase; um desafio nobremente marcado para um lugar certo. E ele pega nas frases, juntadas, fica sabendo precisamente onde o vai encontrar e como o deve atacar.

É muito mais a sua resistência, o conhecimento dos costumes da caça, a interpretação dos segredos do mato, a sua destreza a rastejar, a correr e a saltar, a sua rapidez a agir, do que propriamente as suas maravilhosas qualidades de atrador, que fazem de Teodósio Cabral um caçador extraordinário e que são afinal os grandes requisitos d'um grande caçador.

Quantas coisas n'um rasto de elefante! Quantos são? São machos? São fêmeas? Vão depressa? Estarão ainda longe? Traze m crias? Estão sossegados? Vão desconfiados? Vão a favor do vento? Encontrar-se-hão ainda na chana? Terão já entrado nas matas?

Enfim, o rasto responde a quasi todas as perguntas de que depende o êxito da caçada e garante o serviço de informações tão importante em todos os combates.

O elefante, por sua vez defende-se e com um olfato apuradíssimo. Vendo e ouvindo relativamente pouco, presente no entanto o homem a alguns quilómetros de distância, se tiver vento de feição, isto é, o vento que corre do lado do caçador para ele. E aqui se põe mais um conhecimento na bagagem técnica do caçador — a escolha dos ventos.

E nem sempre é fácil para um leigo, conhecer a direcção dos ventos. Naqueles dias calmos como um templo, tão frequentes no mato, em que as folhas não bulem e não se sente e menor criar da aragem, aqueles dias em que nós costumamos dizer que não há vento, mas em que realmente há sempre uma ligeira deslocação do ar que é suficiente para prevenir o elefante, não parece fácil fazer uma marcha zigzagante, pelas indicações do rasto e contra um vento imperceptível.

Nesses dias Teodósio Cabral guia-se pelo fumo dum cigarro. Por mais calmo que esteja o ar o fumo desloca-se sempre na direcção do tal vento que parece não existir e que de outra forma, a pesar de brando o melifluo, seria um traidor.

continua numa maior tensão de nervos, num silêncio grandioso e solene, sem partir um ramo, sem fazer gemer uma folha — à rastejar às vezes.

A- pesar da enorme massa do animal, a mata é por vezes tão densa, que é possível ir encontrá-lo a meia dúzia de metros, sem o ter precedido antes.

O elefante vive geralmente em manada mas encontra-se também isolado. É o chamado solitário, o mais feroz, o mais encarniçado — um grande neutastênico das florestas, sempre irritado, que não perdona nem foge.



Um instante único. — Um elefante solitário avançando sobre o caçador que o vai prestar depois de o fotografar.

Esta perseguição pelo rasto pode durar horas. A floresta cerrada, bravia, quasi inteiramente constituída por espinheiras agressivas, podendo ocultar atrás de cada maciço um mistério ou um perigo, vai rasgando o fato e as carnes do caçador e esporeando o cavallo treitado para a docilidade e a obediência. Mas o caçador perde a sensibilidade física. Na tensão quasi dolorosa de todos os sentidos, deixase ferir e rasgar, macera-se e sangra, não sente uma dor nem evita uma agressão daqueles vegetais inimigos.

Quando os indícios previnem que a fera está próxima, o caçador apeia-se. E a perseguição

O caçador que o surpreende tem que o matar ou morrer. Não se lhe oferece outra solução.

Neste momento agudo que tantas vezes se repete na vida de Teodósio Cabral, o caçador reacquie a calma dos nervos, como se tivesse sido a incerteza de encontrar a fera e não o perigo, a causa da tensão de espirito em que a perseguiu. Está tranquilo, sereno, quasi risonho. A quarenta ou cinquenta metros o elefante enorme, um grande bloco animado de granito, sacode os insectos com as enormes orelhas, agita a tromba em movimentos lentos que dão imediatamente a impressão dum formidável poder de preensão.

Teodósio, de espingarda aperrada, todos os sentidos alerta, observa antes de matar, estuda antes de atacar. O comerciante viu num segundo o valor das presas — ficam o caçador e o naturalista.

De repente um ramo partido, uma mudança de ventos, um gesto irreflectido e o animal sobressalta-se. Ergue a tromba, levanta-se com uma agilidade pasmosa, á procura do inimigo que ele sabe estar ali perto, a alguns metros apenas.

Dá um urro enorme que fende os ares, um urro em que se sente a cólera que aquilha...

Mas o caçador está prevenido; aproveitou o momento oportuno, apontou bem e com firmeza e o tiro partiu.

Teodósio Cabral é um caçador que não erra. Vison o cotação por altura do covaco.

O elefante estava e urra novamente — um urro que ameaça e sofre, onde há a fúria suprema das grandes feras e a dor angustiosa de quem morre.

E esse urro faz estremecer, paraliza, do!

Não cai imediatamente; todas as suas energias se condensam e orientam para um esforço de equilíbrio.

Entretanto o outro tiro e outro partem. O enorme bloco de granito oscila, levanta pesadamente uma das patas, depois á outra, ergue a tromba supplicante e feroz que ao mesmo tempo clama misericórdia e vingança e começa a tomba r lentamente como uma grande nau que se afunda.

É o grande momento da vida do caçador — a embriaguez, o orgulho, a satisfação da vitória!

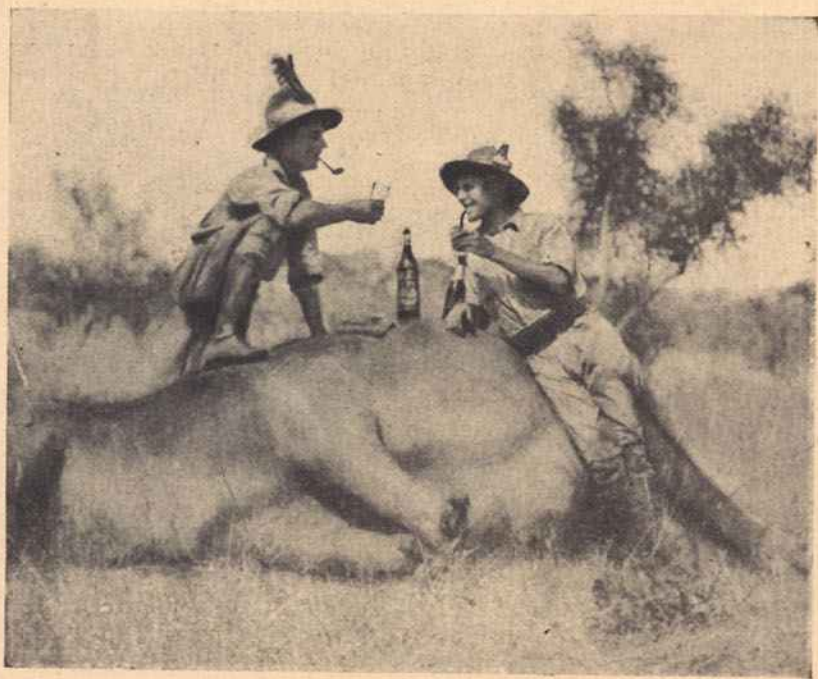
No entanto Angola tem esquecido Teodósio Cabral.

Ele que seria por indole, por nobreza de raça, o único homem de Angola capaz de exercer com sciência e vocação, o delicado mister de fiscal geral de caça, ele que amaria ser o mais precioso dos guias, o mais inteligente dos interpretes e o mais sólido dos soldados, se as circunstâncias obrigarem a novas expedições militares, é ainda simplesmente um caçador profissional que os governos às vezes perseguem sem que ninguém saiba ao certo porquê.

Felizmente para ele, nas suas florestas, no seu fim de mundo selvagem e ardente, áspero e encantador, duro e absorvente, ele é o senhor — um senhor fidalgo e livre, tão livre que não é fácil encontrar quem entre os homens lhe possa bulir!

Capelongo, Maio de 1928.

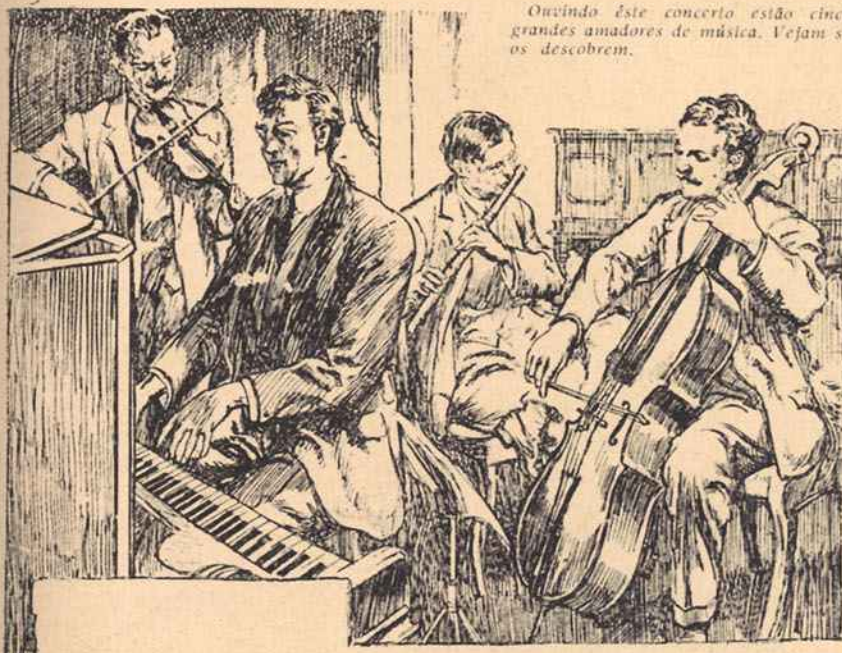
HENRIQUE GALVÃO.



O check-out de Teodósio Cabral.



Passatempo



Ouvindo este concerto estão cinco grandes amadores de música. Vejam se os descobrem.

Uma senhora está despedindo a criada. Depois de lhe ter pago, esta chama o cãozinho da casa e atira-lhe com uma nota de vinte e cinco tostões.
 — Toma lá, Fagulha, é a tua conta.
 — Que está você a fazer? perguntou a patrão.
 — Então, minha senhora, os dois meses que estive ao seu serviço foi sempre o Fagulha que lavou os pratos, e é justo que eu lhe pague o trabalho.

Amaro — Quantas variedades de insectos supõe você que haja no mundo?
 Baptista — Venha aqui fora, ao meu jardim, e eu lh'as mostrarei todas.

Silvia: — Ai, meu Deus! sempre estou num embaraço!
 Diana: — O que vem a ser?
 Silvia: — O José promete deixar de jogar se eu casar com ele, e o Fernando jura principiar se eu o recusar.

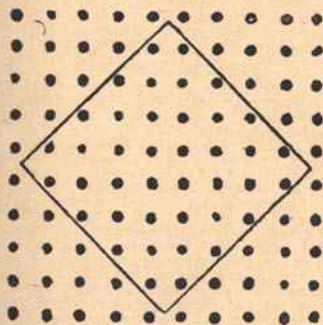
OS QUATRO CINCOS

(Problema)

Tomem-se os quatro cincos num baralho de cartas, e combinem-se uns com os outros de modo que, voltados todos eles de face para cima, só se vejam quatro pontos de cada carta.

A ALMOFADINHA E OS ALFINETES

(Solução)



FALAR, PARA QUÊ?

Parentes e amigos tinham vindo, um após outro, admirar o novo bebê que chegara recentemente a casa dos Silvas. A Aninhas estava um tanto despeitada com todas as atenções que estavam sendo dispensadas ao recém-vindo — atenções que, até esse momento, lhe tinham pertencido, a ela, exclusivamente, como filha única.

— O menino já fala, Aninhas? perguntou um dos amigos da família.

— Não — respondeu a Aninhas, enfadada — nem precisa falar.

— Nem precisa falar?! — exclamou o seu interlocutor, admirado.

— Não; tornou a pequenita, com azedume. O menino, basta-lhe gritar e apanha tudo quanto há de melhor em casa.

— Então o padre Fabricio não agradou na igreja para onde foi ser prior?

— É verdade; quis pôr a congregação em harmonia com as suas ideias, em vez de pôr as suas ideias em harmonia com a congregação.



F.F.F. — Quebrei as relações com a sua amiga; insultou-me.
 F.F.A. — Como?
 F.F.E. — Perguntou-me se eu sabia dançar.
 F.F.A. — O que lá nisso de insultante?
 F.F.E. — Estava dançando com ela quando m'o perguntou!

TATA, "chapeliers en vogue", Rua de S. Nicolau, serão triunfadores no Salão da "Voga"

BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA

EXTRACTO DA RELAÇÃO DAS OBRAS REGISTRADAS NA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA EM AGOSTO DE 1928

LITTERATURA

AGUIAR (EDUARDO DE) — *Amores trágicos*. Romance. 2.^a ed. 231 p. 8.^o e. capa il. — 10\$00.
 AGUIAR (EDUARDO DE) — *Os Fidalgos do Cruzeiro*. Romance campestre. 2.^a ed. 285 p. 8.^o e. capa il. — 10\$00.
 BRAGA (VITÓRIANO) — *Lua de mel*. Comédia em 1 acto. 8 p. — 2\$00.
 CAINE (HALL) — *O Apóstolo*. Trad. do original inglês por L. de C. e Almeida. 2.^a ed. 369 p. 8.^o — 10\$00.
 CAMÕES (LUÍS DE) — *Os Lusíadas*. Poema épico. 515 p. 8.^o — 8\$00.
 CARDOSO JÚNIOR (F. J.) — *Exercícios de redacção*. 4.^a ed. 119 p. 8.^o e. grav. — 2\$50.
 CASTRO (RIGÉNDIO DE) — *Sagramor*. Obras poéticas. Volume III 224 p. 8.^o e. o retr. do A. — 12\$00.
 CHAVES (LAURA) — *História da raposa — raposa e do favo de mel*. Il. de Vasco Lopes de Mendonça (Biblioteca dos Pequeninos). 61 p. e. grav. e capa il. — 3\$00.
 GUERRA (OLIVA) — *Ritmos*. 136 p. 8.^o — 10\$00.
 GUERRA (OLIVA) — *O Tapete encantado* (De uma lenda de Alhambra). Il. de Mamma Roque Gameiro. (Biblioteca dos Pequeninos). 76 p. e. grav. — 3\$00.
 MACHADO (A. VÍTOR) — *Horas fatais*. Episódio dramático em 1 acto. 33 p. — 2\$00.
 MARQUES JÚNIOR (HENRIQUE), compilador — *A Boneca mágica e outras contos* (Biblioteca Maravilhosa para Crianças). 61 p. e. grav. e capa il. — 2\$50.
 MÉRIS (MANUEL) — *A Língua Portuguesa no Brasil*. 22 p. — 7\$50.
 PIRES DE MATOS — *Saudades do Mar*. 221 p. 8.^o — 10\$00.

HISTÓRIA E GEOGRAFIA

CHAGAS FRANCO — *Os Povos do Oriente* (Biblioteca de Evolução Social «A Evolução da Humanidade», VIII) 240 p. 8.^o e. grav. e mapas — 6\$00.
 CHAGAS FRANCO — *Povos marinheiros e mercadores. Povos escravos, povos eletos* (Biblioteca «A evolução da Humanidade», VIII). 102 p. 8.^o e. grav. — 6\$00.
 CUNHA SAKAIVA (J. MENDES DA) — *O conceito histórico da palavra «Beira»*. Tese para o Congresso Beirão. 22 p. — 7\$50.
Guide abrégé du touriste à Tomar et ses environs. 15 p. — 1\$00.
 RÓCHA MARTINS — *A Princesa Santa Joana (Heróis, Santos e Mártires da Pátria da «Coleção Histórias»*. 64 p. e. capa il. por Alberto de Sousa. — 2\$50.
 SÁ (AIRES DE) — *Um dogma anti-geográfico*. Cartões farta-côres (V centenário da abertura do caminho equatorial das Américas (1432-1931)). 70 p. e. folhas desdobráveis.
 SANTOS (CARLOS) — *Como eu vi a Rússia*. 2.^a ed. e. grav. e retr. do A. — 15\$00.

SCIÊNCIAS E ARTES

FERREIRA (RAUL CÉSAR) — *Elementos de teoria do navio. Estabilidade, Balanço, Onda. Qualidades náuticas*. — 233 p. 8.^o e. figs. — 50\$00.
 MALHEIROS (ARTUR) — *A ciência actuarial*. (Contribuição para as bases técnicas dos cálculos actuariaes). 267 p. 8.^o — 25\$00.

RELIGIÕES

PINTO DA COSTA (DR.) — *Pareza ou morte?* Conselhos de formação para rapazes e raparigas na idade dos 18 anos (Coleção «Vida Espiritual») 234 p. 8.^o — 7\$50.

BELAS ARTES

MALHÃO (JOSÉ) — *Livro da homenagem ao grande pintor*. Com 100 reproduções de obras do Mestre e mais 3 ilustrações. 216 p. 8.^o — 30\$00.
 REIS GOMES (J.) — *O Belo Natural e o artístico. Definição da obra de arte* (Breve ensaio filosófico). 69 p. — 3\$00.

POLIGRAFIA

Mythologia (1), por Ernest Granger, trad. de Ferreira de Castro (Enciclopedia pela Imagem). 64 p. 8.^o e. capa il. e grav. — 4\$00.

ESTRANGEIROS AMIGOS DAS NOSSAS LETRAS



D. Alvaro de Las Casas

Neste erudito publicista espanhol, cujos trabalhos resplandecem à frica galega são sobretudo notáveis, a ponto de lhe ter sido mesmo agora confiada a gerência duma nova e vasta Biblioteca de Estudios Gallegos, conta a litteratura portuguesa um atento e fervoroso amigo; inúmeras vezes lhe a tem convertido em tema de artigos, conferências e páginas de livros seus.

«PARIS» NA ENCICLOPEDIA PELA IMAGEM «PORTUGAL» E OUTRAS REVISTAS E PUBLICAÇÕES

Depois de se ter occupado da nossa capital, num tomo que merece o qualificativo de esplêndido, a *Enciclopedia pela Imagem* dá-nos agora a visão da cidade-luz, da cidade que, sendo capital da França, não é menos do mundo civilizado, o estudo, que é da autoria do sr. Louis Bourliou e foi traduzido por Guedes de Oliveira, apresenta-se dividido em quatro capítulos, subordinados, respectivamente, ás seguintes idéias: A posição geográfica e a configuração de Paris; Através da história de Paris, desde os origens até ao século XIX; O Sena e os grandes boulevards; os monumentos de Paris; Os grandes bairros de Paris. Assim, numa breve mas clara lição, romberá o leitor deste tomo tudo quanto, de primordial, existe na felicidade urbe que S. Germeva amaldihoou. Quanto ás gravuras, em subido número, estão desenhadas a assegurar a sua boa-estêlia, pois esta é uma das características da formosa e útil coleção. Aqui nos cativa os olhos o Arco do Triunfo da Estrela, que é hoje abrigo da Jazida do Soldado Desconhecido, logo, num aspecto das termas de Juliano, nos é evocado o Paris gallo-romano, poucas páginas adiante nos deslumbra a imponente fachada de Notre-Dame, depois se nos apresentam trechos das queridas muralhas reais e, por último, na colina da Praça da Batalha, a Paris da revolução se nos faz lembrada, isto com muitos e diversos aspectos entre cada um destes e todos. Mas contribuintes para a perfeita compreensão do texto escrito.

Portugueses tem um novo fascículo a correr mundo: é o n.º 3 relativo a Julho-Agosto. No seu sumário encontramos mencionados: versos de António Correia de Oliveira e M. Cardoso Martha; um artigo de F. Alves Pereira sobre *Pontes medievais nos Açores*; *Faluvez*; outro de Aguiar Cardoso sobre *O Castelo da Pedra no tempo do D. Sancho II*; um Subditado *hava o estudo das contragêneras da anuloisa em bornguês* e umas notas de *Portuguezs prático*, aquélas da autoria de Rodrigo de Sá Nogueira e estas d'Almas da de Cláudio Basso; *Uma carta de Américo Garrett*, anotada pelo mesmo publicista anterior; e, para abreviar esta menção, as secções *In Memoriam*, *Gente de Casa*, *Gente de Fora*, *Bibliografia*, *Notidades*, *Vida Académica e Rex & Verba*, cada uma dela com diversos assuntos dignos de atenção. Valorizam a parte escrita bastantes gravuras.

O número de Setembro da *Brotheria* é digno de empalmar com os melhores da dita revista. Entre outros, inclui os artigos: *Transição*, por M. Pinho; e *A Tragédia do Polo*, por M. Pizarro de Portocarrero. A secção bibliográfica occupa desta vez um grande número de páginas.

Nos moldes da *Farpas*, a célebre publicação de Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz, começou agora o sr. Orthigo Burruas, neto do primeiro daqueles escritores, a lançar a público uma série de folhetos de critica constructiva exercida sobre a vida portuguez.

Os n.ºs 1 e 2 da obra estão á vista. Gostam-se amehdos *Estudamentos de Saragoça e o Ressurgimento do Marquês de Pombal*, occupando-se o último de *Os génios*. Linguagem correntia, pensamento bem intencionado.

Continua a manter-se interessante o *Theatro Maciçado*, que em suas páginas versa epissos da vida teatral, cinematográfica, musical e desportiva. Cada tomo insere o texto completo duma peça.

Las *communications Inter-planétaires*, por J. Reis Varela. É um folheto, redigido em francês, em que o autor assegura que essas communicações existem, annunciando o seu estabelecimento definitivo, em Paris, durante a noite de 10 de Setembro último.

O *Palácio da Junta Geral e os desenhos do «Município e Cônego»*, por F. Conceição Rodrigues, trabalho que historia o pleito estabelecido no Funchal em volta da cedência do convento da Encarnação á Junta Geral daquela cidade insular.

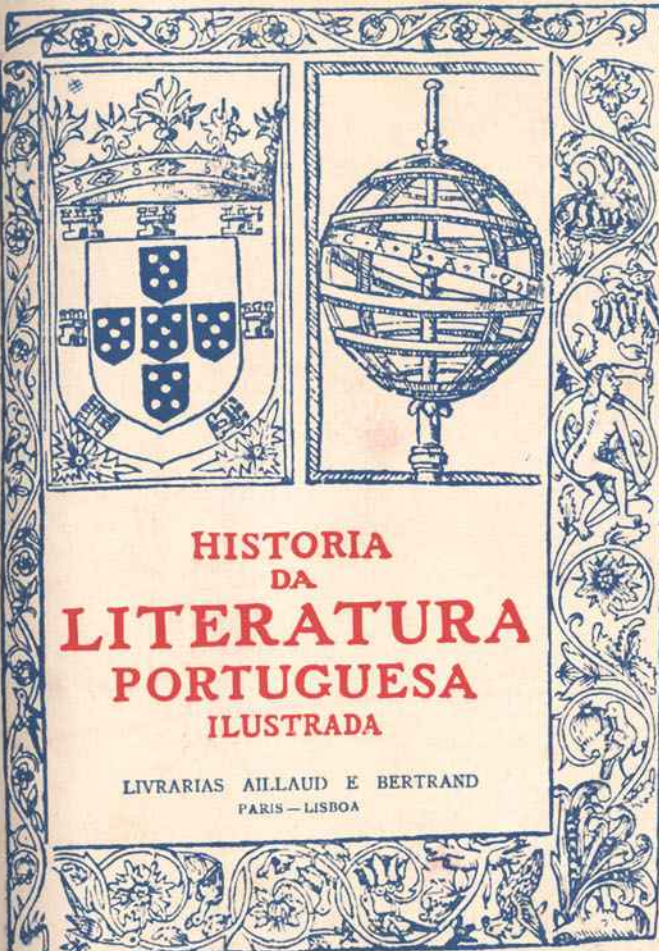
As livrarias ALLAUD e BERTRAND dão gratuitamente tôdas as informações ás consultas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo estes vendidos ao câmbio do dia

ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Annual		Semestre	Annual
CONTINENTE E ILHAS...	22\$00	43\$00	84\$00	ESPAÑA...	47\$00	92\$00
Registados...	24\$40	47\$80	93\$60		Registados...	51\$80
AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL...		49\$00	96\$00	BRASIL...	52\$00	102\$00
Registados...		53\$80	104\$60		Registados...	61\$60
INDIA, MACAU E TIMOR...		53\$00	104\$00	ESTRANGEIRO...	63\$00	124\$00
Registados...		57\$80	113\$60		Registados...	72\$60

NÚMERO AVULSO 4\$00

ALINE, perfumistas de Paris, apresentarão os seus produtos no Salão da «Voga»



**HISTORIA
DA
LITERATURA
PORTUGUESA
ILUSTRADA**

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
PARIS — LISBOA

BOLETIM DE ASSINATURA

Desejo assinar a HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA por.....
.....(3 meses, 6 meses, 1 ano ou receber pelo correio contra reembolso, conforme assinatura especial abaixo indicada).

NOME

MORADA

Lisboa, de de 192...

ASSINATURA

PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

CONTINENTE E ILHAS :

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra reembolso (só para o continente e ilhas) 11\$50

	3 meses	6 meses	1 ano
Assinatura (pagamento adiantado)	33\$00	65\$00	128\$00

RESULTADO

ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHIA	34\$50	67\$00	132\$00
ÍNDIA, MACAU E TIMOR.....	36\$00	79\$00	138\$00
ESTRANGEIRO	37\$00	72\$00	142\$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem 10\$00

HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE
ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO
Da Academia das Ciências de Lisboa

ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

- AFONSO LOPES VIEIRA, escritor.
AFONSO DE DORNELAS, da Academia das Ciências de Lisboa.
AGOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Ciências, professor.
AGOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
ALVARO NEVES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da República.
ANTÓNIO BAÍLO, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
AUGUSTO GU, da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.
BRITO CAMACHO, escritor.
CARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da História da Colonização do Brasil.
CRISTÓVÃO AIRES, secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa.
CORREIO DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa.
RUGÉNIO DE CASTRO, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.
GUALDINO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Belas Artes.
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.
JOÃO DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.
JOÃO LUCIO DE AZEVEDO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.
JOAQUIM LEITE, da Academia das Ciências de Lisboa.
JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.
JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.
JOSÉ JOAQUIM NUNES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia de Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Ethnológico.
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de Estudos Canonicos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JÓLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.
LUIZ XAVIER DA COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.
MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
MANCE DE SILVA GATO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.
MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academia das Ciências de Lisboa.
MOSES BENBAT AMALACK, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.
P. M. LABANJO CORREIO, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.
QUEIROZ VELOSO, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
RICARDO JORGE, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.
S. COSTA SANTOS, escritor.

EDIÇÃO MONUMENTAL
A HISTORIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

(FORMATO 32x25)

EM TOMOS MENSIAIS DE 32 PAGINAS,
ÓTIMO PAPEL COUCHÉ,
MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS

CONTERÁ

biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-similes de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, a cores.

CONSTITUINDO

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosissima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALISADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO

CADA TOMO... .. 10\$00

Provado por milhares de automobilistas



178

a gasolina

Auto-Gazo

Garante um arranque fácil

Empregue sempre no seu carro
e notará a facilidade com que
o seu motor acelera e vence
as mais íngremes subidas.

VACUUM OIL COMPANY